



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

MÁCIO PAULO AMARAL DE LIMA JÚNIOR

**“SÓ-SÓ-SÓ UM SOTAQUEZINHO, NÉ?”: ANÁLISE DO CASO ZÉ OLIVEIRA
E REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA GAGUEIRA**

Maceió
2020

MÁCIO PAULO AMARAL DE LIMA JÚNIOR

**“SÓ-SÓ-SÓ UM SOTAQUEZINHO, NÉ?”: ANÁLISE DO CASO ZÉ OLIVEIRA
E REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA GAGUEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
monográfico apresentado ao Curso de
Graduação em Jornalismo, da Universidade
Federal de Alagoas (Ufal), como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo.

Orientador: Prof^o. Dr. Antonio Francisco
Ribeiro de Freitas

MACEIÓ

2020

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 –

L732s Lima Júnior, Mácio Paulo Amaral de.

“Só-só-só um sotaquezinho, né?” : análise do caso Zé Oliveira e reflexões sobre a representação midiática da gagueira / Mácio Paulo Amaral de Lima Júnior. – 2020.

100 f. : il.

Orientador: Antonio Francisco Ribeiro de Freitas.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 67-73.

Apêndices: f. 74-100.

1. Gagueira. 2. Rádio - Programas. 3. Humor. 4. Linguagem. I. Título.

CDU: 659.19:061.239:808.5:616.89-008.434

MÁCIO PAULO AMARAL DE LIMA JÚNIOR

**“SÓ-SÓ-SÓ UM SOTAQUEZINHO, NÉ?”: ANÁLISE DO CASO ZÉ OLIVEIRA
E REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA GAGUEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Jornalismo, da Universidade
Federal de Alagoas, e aprovada em 25 de
agosto de 2020.


Dr. Antonio Francisco R. de Freitas
Siape - 11207531

Dr. Antonio Francisco Ribeiro de Freitas – Ufal – Orientador

Banca Examinadora:



Prof. Me. Waldson de Souza Costa – Ufal – Examinador Interno



Prof. Me. Luiz Alberto Fonseca de Lima Filho – Ufal – Examinador Interno

Ao Jornalismo, que me instigou a
explorar o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a mim a mesmo, por ter persistido nesse sonho mesmo enfrentando tantos percalços e inseguranças ao longo do percurso.

Aos meus avós, Benedito e Lóide, pelo apoio e afeto durante toda a vida.

À minha avó materna, Denise Sobrinho (in memoriam), que não pôde ver essa conquista, mas faz parte dela.

Aos meus pais, Paulo e Marcileide, por tanto amor.

Aos meus tios, Gustavo e Sandra, por terem sido tão presentes em toda a minha vida.

Às minhas tias, Denise e Márcia, pela companhia e incentivo.

Ao meu orientador, Professor Freitas, pela contribuição neste trabalho.

À Banca Examinadora pelos comentários valiosos que terão imensa contribuição na minha trajetória acadêmica.

Aos professores que passaram direta ou indiretamente pela graduação, auxiliando na minha formação e deixando boas lembranças.

À Professora Janayna Ávila, especialmente pelo carinho e prestatividade ímpares em vários momentos.

Ao Professor Everton Calado, pela amizade e reconhecimento.

Aos meus colegas de graduação pelos dias compartilhados durante esses anos.

Aos colegas que me deram suporte ao longo da produção e construção deste trabalho, em especial à Beatriz Carvalho pela paciência e atenção.

Ao Bruno Presado, por ser o melhor parceiro de jornada que eu poderia ter pedido.

À Isabella Padilha, que tanto me orgulha e me apoia.

Ao Rhayller Peixoto, que foi meu porto seguro em diversos momentos da graduação.

A todos os meus colegas de estágios durante a graduação, Eduardo, Cláudia, Milenna, Ulisses, Arianne, Marta e Ingryd pelas manhãs de diversão e aprendizado.

À Cintia Ribeiro pelos ensinamentos do Jornalismo e da Vida.

À Lays Peixoto pela doçura e delicadeza incansáveis.

À Laylla Brandão pela força, cuidado e inspiração.

*“A comfort zone is a beautiful place
but nothing ever grows there”*

Autor Desconhecido

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo discutir, através da participação do radialista Zé Oliveira, a construção do vínculo comunicacional entre gagueira, humor e riso no quadro do radialista no programa Show de Notícias, na Rádio 96 FM do município de Arapiraca. A pesquisa permeia, também, apontamentos relevantes sobre categorias do humor e riso, gêneros radiofônicos e o modo com que a gagueira é vista na sociedade e abordada na mídia. Delimitar a gagueira como característica engraçada é um artifício utilizado nos meios de comunicação. O transtorno é apresentado de forma caricata, estereotipada e pejorativa. O Rádio é um meio de comunicação que se utiliza da voz para preencher grande parte de seu conteúdo, portanto, faz-se necessário que o locutor cumpra determinados requisitos na fala para oferecer um papel coerente como radialista. Na contramão desse padrão, a participação do radialista gago é cotidiana no programa há quase 20 anos, e a partir de múltiplas construções, ele e sua fala são utilizados de maneira humorística nesse espaço. A partir desse objeto, o TCC analisa o tratamento que o sujeito gago sofre, além de traçar um paralelo entre esses agentes com o intuito de compreender e discutir tal predominância ideológica entre gagueira e humor.

Palavras-chave: Gagueira. Rádio. Humor. Linguagem. Mídia.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to discuss, through the participation of radio broadcaster Zé Oliveira, the construction of the communicational link between stuttering, humor and laughter in the framework of the broadcaster on the program Show News, on Radio 96 FM Arapiraca. The research also deals with notes on categories of humor, radio genres and the way in which stuttering is seen in society and addressed in the media. Delimiting stuttering as a funny feature has been a device used in the media. The disorder is presented in a ludicrous, stereotyped and pejorative way. Radio is a means of communication that uses voice to fill much of its content, therefore, it is necessary that the speaker meets certain requirements in speech to offer a coherent role as a broadcaster. Against this pattern, the participation of the stuttering broadcaster has been routine in the program for almost 20 years, and from multiple constructions, he and his speech are used in a humorous way in this space. From this object, this undergraduate thesis analyzes the treatment that the stuttering subject suffers, in addition to drawing a parallel between these agents in order to understand and discuss such ideological predominance between stutter and humor.

Key words: Stutter. Radio. Humor. Language. Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de tela do vídeo “Vídeo Show recorda personagens gagos da telinha”, disponível na Globoplay	23
Figura 2 - <i>Post</i> em “homenagem” ao radialista Zé Oliveira, no Dia Internacional da Gagueira	43
Figura 3 – <i>Post</i> no Instagram que registra o encontro de Zé Oliveira com a Gaga de Ilhéus	44
Figura 4 – Imagem de tela da matéria que foi publicada no portal Diário Arapiraca sobre o encontro do Zé Oliveira com a Gaga de Ilhéus	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Decupagem da abertura do quadro do Zé Oliveira	36
Quadro 2 - Decupagem do encerramento do quadro do Zé Oliveira.....	37
Quadro 3 - Trecho do quadro “Os gajos”, exibido no programa PRK-30 em meados da década de 1950	60
Quadro 4 - Fragmentos do quadro do Zé Oliveira do programa “Show de Notícias” de 18/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor	63
Quadro 5 - Fragmentos do quadro do Zé Oliveira no programa “Show de Notícias” de 20/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor	64
Quadro 6 - Fragmentos do quadro do Zé Oliveira no programa “Show de Notícias” de 21/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O QUE É FALAR BEM?	15
1.1 A ga-ga-gagueira	16
1.2 “Fale direito”	18
1.3 Diagnóstico e tratamento	21
1.4 Gagueira na mídia	22
2 “NO AR... ZÉ OLIVEIRA!”: LINGUAGEM RADIOFÔNICA E ANÁLISE DO OBJETO	27
2.1 O Rádio no Brasil	28
2.2 O Rádio em Alagoas	28
2.3 Linguagem, aspectos e características do Rádio	30
2.4 “Falando bem” no Rádio	33
2.5 “Zé O-li-vei-raaaa!”	34
2.6 “Ele é o cara!”	38
2.7 Zé Oliveira e mídia local	42
3 HUMOR, RISO E GROTESCO: CONCEITOS E APLICAÇÕES AO ZÉ OLIVEIRA	47
3.1 Breve história do riso	47
3.2 O riso em Bergson e Propp	51
3.3 Humor Grotesco	55
3.4 Humor no Rádio Brasileiro	58
3.5 Lauro Borges, o primeiro “gago” do Rádio Brasileiro	59
3.6 Humor e análise do quadro do Zé Oliveira	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	80

INTRODUÇÃO

“Vai roubar o emprego do Zé Oliveira!”. Essa frase, acompanhada de gargalhadas por toda a sala, foi o que ouvi num dos primeiros dias de aula do terceiro ano do ensino médio, há seis anos, quando a minha professora de português e redação convidou toda a turma para ir ao quadro e compartilhar qual curso cada um de nós iria tentar entrar naquele ano. Escrevi “Jornalismo”.

Hoje, já atuando na área e prestes a me formar, penso que não poderia deixar de começar a redigir a introdução do meu Trabalho de Conclusão de Curso sem citar esse dia. A figura mencionada, o tal Zé Oliveira, já era um nome famoso por toda Arapiraca, cidade onde nasci e cresci, e que só deixei para trás para integrar a turma de Jornalismo UFAL 2015.2, na capital.

Zé é um radialista gago. E, nesse dia, eu era apenas um estudante de dezesseis anos que sonhava em cursar jornalismo. A relação entre nós, como bem apontada por algum dos meus colegas de turma, era a gagueira. E o Jornalismo. Mas desde muito tempo, a figura que meu avô sintonizava diariamente quando preparava o café preto matinal para nós dois, e que acabou se tornando uma voz presente nos meus dias antes do colégio, já me chamava atenção.

Como seria possível haver um radialista gago? O questionamento me encucou, e talvez eu tivesse uma certa teoria sobre a resposta, só não sabia explicá-la a fundo. Ainda assim, as gargalhadas explicavam muito. As dos ouvintes que interagem com ele ou quando falavam sobre ele, as dele quando ficava preso em alguma sílaba e ria de si próprio, e as da minha turma. As que deixavam de existir, entretanto, eram as minhas. Se a gagueira é engraçada, para mim, vivenciá-la nunca foi.

Era como se eu me sentisse fora do círculo e não entendesse a piada. Ou melhor, talvez por entender tão bem a piada, ela acabava perdendo a graça. Desde muito cedo, senti vontade de compreender o porquê de um transtorno que me fazia tão mal ser motivo de riso para os outros, e, aparentemente, até para quem também precisa lidar com ele. Se eu cresci aprendendo que gagueira e comunicação eram antônimos, o que o Zé Oliveira estava fazendo na principal emissora de rádio da minha cidade? E por que ele se mantinha naquele espaço por tantos anos e conseguia angariar um público fiel? Era difícil entender, mas a curiosidade estava ali e, em algum momento, prometi a mim

mesmo que me formaria em jornalismo e faria o TCC sobre o bendito Zé Oliveira. Cá estamos.

As disciplinas foram surgindo junto aos debates teóricos. Lembrei daquele tema de TCC lá de dois ou três anos atrás, e ele parecia cada vez mais intrigante quando associado às referências acadêmicas do curso. Muitas dialogavam com o que um dia eu sonhei pesquisar, e aquelas suposições perdidas na minha cabeça, agora viram a oportunidade de tomar forma, a partir do embasamento científico.

A proposta desse trabalho é investigar as relações de apropriação midiática sob um sujeito gago, que, por motivos a serem discutidos, segue ativo num espaço popularmente antagônico a uma de suas características mais perceptíveis: a gagueira. Zé Oliveira é meu exemplo, mas ele está longe de ser uma exceção quando o assunto é o vínculo entre gagueira e comicidade. Telenovelas, programas de entretenimento, portais de notícia, e diversos gêneros de comunicação de massa se apropriam do transtorno da fala como forma de piada, expondo o sujeito a situações nas quais o humor em torno dele é construído com o intuito de angariar audiência. Nesse parâmetro, os veículos de comunicação costumam retratar o distúrbio de forma humorística, por meio de uma postura caricata que interfere na forma com que o tema é visto pela população. Ser motivo de risada parece ser a única voz do gago na grande mídia.

Estereótipos tomam conta da maneira com que esses grupos são representados. Os esforços – e reforços - para estabelecer uma relação humorística perante à gagueira estão em muito do que se encontra na mídia, o que impede a temática de ser tratada com seriedade e suscitou a minha curiosidade para encontrar uma justificativa sobre as bases dessa construção. Os meios de comunicação de massa têm papel fundamental nesse processo e questiono, nesse ponto, tal responsabilidade no que engloba as representações sociais dos gagos.

Pouco se discute a gagueira sob uma perspectiva crítica acerca do tratamento midiático que a permeia, e ainda menos levando em conta sua associação ao humor e riso. Dessa forma, pretendo estimular, neste trabalho, o debate sobre a representação midiática do sujeito gago. Enquanto pensadores de comunicação, é preciso estarmos atentos às consequências de um tratamento visto como problemático. Caso a reflexão não seja tão profunda, que pensemos, ao menos, com um pouco mais de versatilidade nesse público. É comum discutirmos sobre outras minorias sociais, mas quando o

assunto é o gago, ele tampouco é pautado para além das risadas, apesar de todo esse tratamento trazer profundas consequências na vida desse sujeito.

1 O QUE É FALAR BEM?

É comum ouvirmos a expressão “falar bem”. Dela, logo deduzimos que isso signifique falar de forma clara, concisa, sem pausas ou interrupções, com a dicção adequada e em alto e bom tom. Então, qualquer indivíduo que vá na contramão dessas orientações não está “falando bem”.

Friedman (1986, 1994, 2012) considera existir uma ideologia do bem falar na sociedade. Assim, é esperado que todas as pessoas falem bem e corretamente. Quando o sujeito gagueja, carrega consigo uma autoimagem de mau falante. Quando essa imagem está presente na subjetividade do falante, ele perde a espontaneidade que é inerente à fala, que é uma atividade automática, porque passa a querer controlá-la para escapar do estigma, e se encaixar num padrão adequado.

Com isso, o que o falante consegue é tornar sua fala tensa, marcada por bloqueios, repetições e desvios de palavras que lhe parecem perigosas. Tal condição confirma sua imagem de mau falante, que, por sua vez, reitera a necessidade de controle da fala, formando um circuito que aprisiona a pessoa a um modo tenso de falar que parece não ter solução.

A gagueira impacta na autoimagem do sujeito, bem como na sua imagem diante dos outros, trazendo-o inúmeros e constantes prejuízos nas mais diversas áreas da vida. A visão de que a fala gaga é errônea gera diversos incômodos, sofrimentos e problemas para o indivíduo. “A fala é normal, o problema está na autoimagem. Quanto mais a pessoa considera sua autoimagem importante para a situação, mais luta para disfarçar a autoimagem que supõe ter, e mais cria as condições para gaguejar”. (FRIEDMAN, 1986, p. 174)

Portanto, é importante analisar e relacionar, de forma breve, as causas e formas de tratamento do transtorno, além de elencar quais efeitos ele acarreta para o indivíduo e seu impacto na sociedade, com o propósito de buscar explicações sobre determinados comportamentos do sujeito, dos que o cercam e, adiante, da mídia, quando deparados com a gagueira.

1.1 A ga-ga-gagueira

Qualquer ato de fala envolve quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema (*topic*) da mensagem e o código utilizado. Permutações e inversões de papel são possíveis entre esses fatores.

Repetição silábica, longas pausas, dificuldade motora em associar respiração e fala e tiques pelo corpo são alguns dos sintomas que apontam para um transtorno na fala que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Fluência, atinge cerca de 2% da população mundial e 5% da brasileira.

[...] gagueira não é determinada por um único fator. Várias são as condições que podem estar ligadas a essa forma de produção. Algumas, restritas exclusivamente ao organismo (ao corpo), outras, ligadas ao psiquismo e, nesse âmbito, algumas ligadas ao processo pensamento/fala, outras aos sentimentos e emoções e ainda todas as condições agindo em conjunto, sem desconsiderar, evidentemente, o aspecto social agindo sobre elas. (FRIEDMAN, 1998, p. 7)

Também conhecida como disfemia, as causas desse transtorno ainda são objeto de estudo e constituem um amplo debate no meio científico, principalmente por interligar áreas sociais e psicológicas que impactam diretamente no cotidiano de quem sofre com ele.

Por ora, é importante conceituar alguns termos que serão utilizados ao longo deste trabalho: fluência e disfluência. Fluência, nesse contexto, é o estado “normal” da fala, ou seja, quando ela se dá de forma espontânea e fluida, e não há, portanto, interrupções. Disfluência é o oposto – ocorre quando o indivíduo acaba tendo alguma hesitação ou interrupção na fala. Como aponta Merlo (2006) o desenvolvimento da habilidade de fluência implica mecanismos de processamentos automáticos e pouco conscientes. Isso quer dizer que quanto mais a pessoa for fluente, menos atenção precisa voltar à fala. A fluência simplesmente acontece, sem que a pessoa saiba explicar exatamente porque ou como consegue.

É necessário ressaltar que nem sempre a disfluência é ou pode ser um indício patológico. A comunicação oral é um processo multifatorial e que sofre influência direta do contexto, então um indivíduo fluente pode, em determinada situação, apresentar uma fala interrompida e com sintomas da gagueira. Em situações que provocam ansiedade ou nervosismo, como falar em público, um sujeito de fala fluente pode gaguejar.

Logo, a disfluência comum está presente na fala de todos os falantes. São as pausas silenciosas, que servem para cumprir determinado significado no processo de comunicação, e as preenchidas, tais como *éh*, *ãh*, *mm*, utilizadas devido à formação das frases e comuns dentro do processo de construção das ideias. Por mais que os sintomas sejam os mesmos, os efeitos da gagueira numa pessoa gaga e numa pessoa não gaga são diferentes.

Apesar de ser mais comum entre os homens, a gagueira é um distúrbio que pode se manifestar em qualquer indivíduo, independente de sexo, raça, gênero, idade, classe social ou orientação sexual. De acordo com Merlo (2006) apud Azevedo (2006), há três principais categorias da gagueira, são elas: adquirida ou neurogênica, relacionada a questões neurológicas, como acidente vascular cerebral ou lesão encefálica; psicogênica, atinge adultos por causas psicológicas, e a idiopática ou de desenvolvimento, que se inicia na infância e permanece até a fase adulta. Causas orgânicas/genéticas e psicológicas/sociais estão entre os fatores do transtorno e são objeto de ampla discussão acadêmica na fonoaudiologia.

Há uma variedade de definições, cada uma delas abordando um aspecto ou alguns aspectos da gagueira, escolha que parece decorrer do ponto de vista adotado pelo autor. Algumas definições tratam da causa da gagueira (neurológica, psicológica ou social), outras descrevem a gagueira referindo-se às suas mais frequentes manifestações. (MEIRA apud CARNEIRO, 1983, p. 20)

É impossível definir a gagueira em todos os seus aspectos, tendo em vista a multiplicidade de sua sintomatologia. Há uma alta busca por causas genéticas devido ao fato de a gagueira ser mais comum em homens do que em mulheres, com elevada taxa de antecedentes familiares (75% dos casos). Por muito tempo, acreditou-se que a gagueira estava exclusivamente ligada a causas emocionais, como ansiedade ou nervosismo.

É muito comum crianças apresentarem a disfluência infantil, também chamada de gagueira fisiológica, consideradas normais na linguagem durante esse estágio da vida, comum ao aprendizado da fala. Para aprender a falar, a criança passa por etapas onde precisa escutar, pensar, imitar e construir sentidos por meio das palavras. Além do mais, há um aprendizado dos músculos, cavidades e partes do sistema orofacial que constroem a fala e que pode ser interrompido durante esse processo.

Nem sempre essas etapas virão a desencadear a gagueira na fase adulta: patológica.

Observou-se que a quebra da fluência é algo habitual na fala das crianças em idade de estruturação da linguagem, o que contribui para confirmar o termo ‘disfluência comum’, e que difere em vários aspectos quando comparadas com aquelas consideradas gegas. (MACIEL; CELESTE; MARTINS-REIS, 2012, p. 174)

A gagueira do desenvolvimento é encontrada em cerca de 70-80% do total dos casos de gagueira na infância e a prevalência é de 20-30%. Sendo a fala uma das principais maneiras de socialização do indivíduo,

Processos de maturação fisiológicos e neuroanatômicos provavelmente estão relacionados com o surgimento da gagueira desenvolvimental em crianças pré-escolares, a qual parece estar intimamente vinculada às habilidades metalingüísticas. Estudos recentes de imagem cerebral indicam que a gagueira possivelmente tem sua origem nos múltiplos centros cerebrais de linguagem, ainda que se aceite que haja também dificuldades no controle motor da fala. Assim sendo, um meio ambiente acolhedor pode minimizar as manifestações de gagueira, mas não impedir que ela ocorra. Mesmo com essa perspectiva predominantemente neurolingüística, a influência dos outros fatores continua sendo aceita, assim, a idéia da multicausalidade para a gagueira de desenvolvimento permanece válida. (MERÇON; NEMR, 2007, p. 174)

Por isso, é recomendável que o diagnóstico seja feito o mais cedo possível, tanto para que os sintomas sejam amenizados, como para que essa criança seja minimamente impactada pelas consequências de ser gago na sociedade. O acompanhamento familiar, dos pais ou responsáveis, é imprescindível.

1.2 “Fale direito”

Devido ao desconhecimento e falta de seriedade com que a gagueira é tratada, ainda há muita dificuldade de compreensão e escassez de artifícios para lidar com o transtorno. Se alguma criança gagueja, mesmo no seu processo de aprendizado natural da fala, esta provavelmente será reprimida pelo adulto responsável ou presente no momento, sendo obrigada a “consertar” a fala por meio de sentenças agressivas e prejudiciais à formação.

Isso é recorrente em indivíduos gagos para além da infância, quando o interlocutor fluente utiliza de orientações rasas e que desconsideram a abrangência

motora, social e psicológica que permeia a gagueira – “Fale devagar”, “Fale com calma”, “Respire para falar”, “Pense antes de falar” são alguns desses argumentos, bem como diversas piadas, questionamentos e sentenças como: “Por que você fala assim?”.

Assim, através desse olhar implicitamente hierárquico no discurso, o sujeito gago é levado a se enxergar como um mau falante, que não está à altura do outro e que incomodará através de sua fala. Além disso, há uma predisposição a evitar tal fala, pois, uma vez que não ocorra esta troca, há uma menor probabilidade dele ser corrigido, humilhado ou enfrentar situações desconfortáveis, o que gera uma constante tensão e pressão em torno de qualquer momento que envolva a fala, ou seja, quase o tempo inteiro.

Um sentimento de frustração, fracasso e incapacidade passa a permear o sujeito, como aponta o estudo realizado por Andrade (2008) com 40 indivíduos adultos – 20 gagos e 20 não gagos. A pesquisa foi feita com o objetivo de conhecer e comparar as duas vivências de fala (gaga e não gaga), no que diz respeito às reações afetivas, comportamentais e cognitivas e entender as distinções e impactos deste sobre a qualidade de vida de indivíduos fluentes e com gagueira persistente do desenvolvimento. O estudo observou “limitações significativas na habilidade dos indivíduos gagos em participar de atividades do dia a dia, tendo um efeito negativo na qualidade de vida geral”. (ANDRADE, 2008, p. 223).

Por vezes, o sujeito gago prefere se abster da fala. Esse silêncio acaba se tornando um refúgio do sujeito, que é impedido de sustentar outro discurso, pois, ao não dizer nada, o sujeito expõe seu receio diante da fala e demonstra o impacto do transtorno na sua qualidade de vida. Nesse espaço discursivo, o dizer é interdito e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade.

Diante disso, o sujeito que gagueja tem uma postura crítica sobre si e se obriga a ficar em silêncio. Quando isso ocorre, ser silenciado é fonte de grande angústia e sofrimento. O silêncio é utilizado como autoproteção. Ele preferirá o silêncio, porque, para esse sujeito, demonstrar a gagueira fará com que o outro o julgue como mau falante. (AZEVEDO, 2006, 2019, p. 51)

Muitas vezes, o falante (emissor) e as pessoas que o cercam (receptores) não têm consciência dessas condições e processos internos que o indivíduo gago enfrenta, logo acabam tendo atitudes que agravam a situação, contribuindo para a autoimagem de mau

falante que o sujeito gago tem de si próprio. O ouvinte comum percebe apenas os “defeitos” da fala, ignorando, por desconhecimento, todo o contexto envolvido.

Essa situação faz com que o indivíduo gago se esforce para falar bem, o que contribui para a tensão muscular e sentimentos negativos. Estes, por sua vez, só levam o sujeito a gaguejar ainda mais.

Para além da descrição motora e técnica do transtorno, o indivíduo gago precisa lidar, cotidianamente, com situações que o afetam de maneira negativa em âmbito social e psicológico, influenciando diretamente em sua subjetividade, na forma com que ele enxerga e se apresenta ao mundo.

De acordo com Friedman (1986, 1994, 2012) quando esse falante gago tenta controlar sua fala, o que ele consegue é torná-la tensa, marcada por bloqueios, repetições e desvios de palavras que lhe parecem perigosas, o que reitera sua imagem de mau falante.

Van Riper (1982) apud Azevedo (2006, 2019) utiliza, em sua obra original, a caracterização e distinção entre os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos (*overt behaviors* e *covert behaviors*). Os comportamentos expressos são aqueles visíveis no falante, ou seja, o indivíduo que estiver próximo do sujeito gago notará tais comportamentos que surgem em decorrência da gagueira, tais como repetições, bloqueios e prolongamentos.

Ainda nesta categoria encontram-se os comportamentos acessórios ou secundários, que podem estar presentes nos sintomas do gago. Tremor, tensão, expressões e gestos corporais e faciais, alternativas para ganhar tempo na fala, etc. Já os comportamentos encobertos caracterizam aqueles sentimentos que os gagos nutrem, principalmente o medo de utilizar a fala nas mais diversas e triviais situações do dia a dia, além de sentimentos culposos e negativos.

Ainda assim, inclui, nesta mesma categoria, o medo e seus precipitantes, como o medo de falar com autoridades, pessoas com cargos hierarquicamente superiores, empresários prósperos, professores, bem como o medo de sentir-se ridículo, de que as pessoas riam, da inabilidade na comunicação, da pressão do tempo, medo de embaraçar o ouvinte, de impaciência ou rejeição, de que o ouvinte sinta pena dele, entre outros. Relata, ainda, locais desencadeadores de medo, como o telefone, que pode agravar a gagueira pelo medo antecipado de seu uso, consultórios médicos, lojas, pontos de ônibus, aeroportos e até igrejas. Há ainda o medo de determinadas palavras e fonemas, bastante frequente em seus pacientes. Outros comportamentos encobertos são: frustração, hostilidade e culpa (RIPER apud AZEVEDO, 2006, 2019, p. 33-34)

Todas essas situações apontam que a qualidade de vida do sujeito gago pode ser extremamente negativa, uma vez que muitas atividades cotidianas são evitadas ou prejudicadas pela dificuldade na fala. Essas desordens na comunicação afetam, inclusive, atividades consideradas prazerosas ou estágios e vivências básicas, como a idade escolar, mercado de trabalho e vida pessoal.

1.3 Diagnóstico e tratamento

Tal complexidade multifatorial que ronda as causas da gagueira se reflete, conseqüentemente, nas vertentes de seu tratamento. Intervenções clínicas vão desde o tratamento pela modelagem de comportamento, atividades de estímulo à atuação cerebral que se acredita comprometer a fluência, até tratamentos subjetivos e direcionados exclusivamente ao indivíduo gago.

Este último, que tem Silvia Friedman como principal expoente, busca trabalhar aspectos pessoais e emocionais. O sujeito gago passa por um processo de autoconhecimento e autoconsciência sobre seu problema, daí, acredita-se que é possível desconstruir e aliviar determinados hábitos que levam ao gaguejar, uma vez que as emoções estão ligadas ao tônus muscular, alterando-os.

Esse sujeito deseja falar de forma diferente, tendo em vista toda a tensão social a qual ele é constantemente submetido, mas não consegue fazê-lo. A situação acarreta sentimentos negativos sobre o ato da fala e eleva a tensão envolvida em qualquer contexto que exija tal ato.

Por ser um transtorno notável e presente no dia a dia, o diagnóstico da gagueira ainda é feito pelo próprio indivíduo, que pode procurar tratamento por se enxergar enquanto gago e se sentir prejudicado por isso, ou pelo interlocutor, que é muitas vezes algum familiar buscando o tratamento quando o gago ainda não está na fase adulta.

Os impactos que a gagueira tem sobre a qualidade de vida dos indivíduos interferem diretamente nos processos de tratamento utilizados pela fonoaudiologia:

Por se tratar de um distúrbio de natureza multifatorial, a gagueira permite a possibilidade da existência de diversas abordagens, as quais divergem e convergem em certos aspectos [...] a construção da fala do sujeito é parte de um processo onde a relevância tende a ser dada para além do discurso, mas na construção do sujeito em sua subjetividade enquanto falante e as relações se estabelecem a partir do entendimento das dimensões biológicas, sociais e psicológicas e o processo que busca a modificação da gagueira através da

interação discursiva e o trabalho com a abordagem corporal (SILVA, 2016, p.9)

Ainda assim, o que permite identificar um indivíduo como gago são os sintomas que vão além das disfluências comumente identificadas como, por exemplo, comportamentos secundários que ocorrem involuntariamente, tais como a forma de piscar de olhos, descoordenação respiratória, movimentos com a cabeça, tremor dos lábios e língua e a ansiedade antecipatória que é desencadeada pelo medo, frustração e vergonha sentidos no momento de elocução.

Ademais, o tempo que este leva para retomar a fala e o quanto é afetado socialmente pela gagueira são fatores decisivos que caracterizam a patologia, além de uma contagem de episódios recorrentes de gagueira em determinado período de tempo.

1.4 Gagueira na mídia

Do desenho animado a personalidades midiáticas, das novelas aos programas de televisão, do rádio aos portais de notícias, é praticamente impossível encontrar algum conteúdo que não associe gagueira à comicidade. Nas telenovelas, por exemplo, é quase uma obrigação que o personagem seja inserido como um alívio cômico, esvaindo outros aspectos de sua narrativa.

Uma matéria publicada pelo portal Televisão, da UOL, destaca personagens gogos da televisão brasileira. No título, uma associação humorística: “Relembre os gogos divertidos da televisão brasileira”. Entre os citados, estão: O “Quiquiqui” da novela “Cordel Encantando” (2011), cujo nome já é uma própria referência à repetição, um dos principais sintomas da gagueira, o Tônico de “A Próxima Vítima” (1995), feirante que, segundo a descrição do portal, “gritava aos clientes seus produtos e arrancava muitos risos”, além do Tônico Madeira, de “Bebê a bordo (1988), descrito como um “hilário personagem que se atrapalhava todo para conversar”.

A matéria também cita nomes de outros gêneros televisivos, como o Diogo, do Big Brother Brasil 11, que era conhecido como “Gago”, e o Rui Barbosa Sá Silva, conhecido como Sá-Silva, da “Escolinha do Professor Raimundo”. O personagem “enrolava” o professor e era famoso pelo bordão “Ih... esqueci!”.

Mas essa ligação entre humor e gagueira não é característica apenas do personagem em si – os profissionais da comunicação e as editorias de notícias também

insistem nesse vínculo. O programa Vídeo Show exibiu, em 13 de abril de 2011, uma matéria falando sobre o personagem Cristiano, da novela Morde & Assopra (2011), e relembrou outros gogos das novelas. O vídeo está disponível na plataforma GloboPlay. O curioso é a forma com que os apresentadores André Marques e Ana Furtado apresentam o tema e chamam o VT.

Figura 1 - Imagem de tela do vídeo “Vídeo Show recorda personagens gogos da telinha”, disponível na Globoplay.



Fonte: Globoplay (<https://globoplay.globo.com/v/1483941/>)

Ana começa falando que o Paulinho Vilhena está interpretando um gogo na novela das sete, e logo André complementa: “Sabe que deve ser bom fazer um gogo, sabia?”. Ana pergunta o porquê e ele responde: “Você errar o texto, tropeçar, gaguejar, a palavra não precisa sair certinho e tal, e você não precisa regravar a cena. Não é gogo? Tá tudo certo”, explica o apresentador, em tom de brincadeira, despertando as risadas da colega que afirma que ele tem razão e que ela nunca tinha pensado nisso. Logo, ela anuncia a entrada do VT, mas antes André Marques reforça a piada mais uma vez, imitando um gogo e falando “Va-vamos ver, va-vamos ver”.

Sobre o personagem Cristiano, citado no Vídeo Show, Silva R. e Morais (2012) traçam uma pesquisa para analisar a participação dele e do “Quiquiqui”, da trama “Cordel encantado”, em suas respectivas telenovelas, buscando, dessa forma, elencar o conteúdo que os dois trouxeram para a TV. Ela constatou que o humor esteve presente em parte considerável das cenas dos dois personagens, além de ambos seguirem um determinado imaginário social sobre o que é ser gago, ou como deveria ser.

Tem-se, na caracterização dos personagens, um claro exemplo de generalização, que associa a gagueira a um grupo bastante específico. O gago tímido, desajeitado, solitário e ingênuo constitui um perfil que faz parte de um imaginário presente no senso comum, e que é exatamente o perfil trabalhado na novela. Se não há nada de novo, não pode-se dizer que há um trabalho de conscientização. (SILVA; MORAIS, 2012, p.14)

Outro apontamento relevante feito pela autora é que o Paulinho Vilhena, ator que interpretou o Cristiano, revelou em entrevista ao Portal Terra que não sentiu necessidade de se preparar a fundo para as gravações, seguindo apenas os apontamentos do diretor. Essa afirmação deixa claro que, em nenhum momento, o ator se propôs a entender as nuances e complexidades que a gagueira acarreta ao indivíduo, limitando-se a prestar o papel de “gago bobalhão”. Logo, é notório o desinteresse coletivo em aprofundar o tema dentro desse espectro.

Se a gagueira vem sendo agendada e instituída como tema, em especial na televisão e telenovelas, esta não foi, até o momento, trabalhada de forma profunda, conscientizadora ou mesmo problematizante. A visão negativa e a postura de riso diante da pessoa que gagueja é um aspecto de nossa sociedade que urge por ser mudado – um desafio a ser pensado pelas mídias e pelas pessoas. (SILVA; MORAIS, 2012, p. 15)

Além desse tratamento questionável em muitos de seus personagens, a Rede Globo também enfrentou uma polêmica envolvendo a gagueira em 2018, na novela “O Sétimo Guardião”. Numa determinada cena, a personagem Stefânia, que é uma prostituta gaga, é vítima de violência por parte de Sampaio, que a estrangula para forçá-la a falar sobre o interesse dela em uma marca que ele teria no corpo. Após o episódio, ela sai do quarto tossindo e, ao conversar com Adamastor, ele percebe que a garota já não está mais gaga. Depois, a personagem vai conversar com Ondina sobre o caso e a cafetina diz: “Ficou tão apavorada, que ficou boa da gagueira. Reza para essa gagueira não voltar”.

Em nota, o Conselho Federal de Fonoaudiologia e o Conselho Regional de Fonoaudiologia de São Paulo emitiram uma postura de repúdio por meio das redes sociais e site oficial sobre o assunto, afirmando que a novela tratou a gagueira de forma “perversa”.

A cena retratada é de uma irresponsabilidade que não pode ser justificada sob o argumento de ser uma ‘obra de ficção’. O resultado do estrangulamento apresentado pela novela não só atribui um sentido positivo ao crime de agressão, como também reforça fundamentos não científicos e expõe as pessoas com gagueira a graves situações de violência que, eventualmente, já podem ser vivenciadas no seu cotidiano. (CREFONO, 2018, ON-LINE)

A Associação Brasileira de Gagueira corroborou com o posicionamento, destacando que,

A sociedade brasileira carece de um correto esclarecimento a respeito da gagueira, suas causas, impactos na vida da pessoa que gagueja e, principalmente, a necessidade de uma correta avaliação, diagnóstico e tratamento fonoaudiológico especializado em Fluência. (ABRA GAGUEIRA, 2018, ON-LINE)

Além das telenovelas, o cinema também parece ser uma plataforma onde permeiam-se os estereótipos em relação ao sujeito gago. Lessa (2017) cita o filme *Um Peixe Chamado Wanda*, de 1988, dirigido por John Cleese e Charles Crichton. A obra conta com três personagens, Wanda, Otto e Ken, um trio de ladrões. Ken é gago, e, desde o início da película, ele é construído como tímido, desajeitado e inexperiente.

Ao longo da narrativa, o personagem é sempre interrompido devido a ímpetos de impaciência dos outros, o que reforça o estigma de interrupção da fala da gaga e a ideia de que esse sujeito interlocutor é incapaz de se comunicar sem gerar desconforto, ansiedade ou uma situação cômica junto ao receptor da mensagem. Também é transmitida a ideia de que a gagueira está ligada a sentimentos negativos e baixa autoestima, uma vez que Ken, ao conseguir se vingar de Otto, para de gaguejar. A proposta que fica é que, caso o gago atinja algum objetivo almejado, esse sentimento o libertará da gagueira – o transtorno que o atrasa e o impede de concretizar sua jornada.

Esse tipo de concepção, exposta nas telas do cinema, advém de um pressuposto obsoleto de que aqueles que gaguejam desde a infância, fazem isso por consequência de escolha à falta de confiança em si mesmo, à falta de amor próprio e à timidez. É por isso que, dentro desse tipo de diegese,

quando o personagem consegue atingir os seus objetivos e tomar partido da sua vida, ele para de gaguejar, tomando esse tipo de disfluência apenas como um fator não mais pertencente à nova individualidade firme e segura do personagem. (LESSA, 2017, p.4)

São notáveis, portanto, os processos de tratamento do gago que permeiam diversas mídias. Friedman (2012) chama atenção para essa necessidade da mídia ser uma aliada no aprofundamento consciente, ético e científico sobre as questões relacionadas à gagueira. Segundo a autora, é necessário abrir espaço na mídia para difusão de conhecimentos científicos sobre a fala e linguagem, que permitam criar novas posturas e possibilidades no que norteia a ideia de padrão de fala e gagueira.

2 “NO AR... ZÉ OLIVEIRA!”: LINGUAGEM RADIOFÔNICA E ANÁLISE DO OBJETO

Prestes a completar 100 anos de sua chegada no Brasil, o Rádio é um meio de comunicação que possui características próprias responsáveis por fazê-lo se destacar e permanecer relevante através das décadas. Baixo custo de produção, manutenção e aquisição, mobilidade, alcance geográfico, simplicidade e praticidade de utilização são alguns dos fatores que fazem com que esse meio permaneça relevante na sociedade brasileira.

Um estudo realizado pelo Kantar Ibope Media em 13 regiões metropolitanas do Brasil apontou que, em 2019, o meio de comunicação alcançou 83% da população. Três a cada cinco brasileiros entrevistados afirmam escutar rádio diariamente. A região Sul é a que mais consome o meio, com 85% da população. Nordeste e Sudeste seguem empatados com 83% cada, e o Norte em último lugar, com 81%.

Analisando as regiões individualmente, o maior alcance está na Grande Belo Horizonte, com 92% da população afirmando que é ouvinte de rádio. Os demais números: Grande São Paulo (79%), Rio de Janeiro (84%), Grande Porto Alegre (86%), Distrito Federal (77%), Grande Salvador (79%), Grande Curitiba (86%), Grande Recife (84%), Grande Fortaleza (86%), Grande Goiânia (85%), Grande Florianópolis (79%), Campinas (78%) e Grande Vitória (83%).

Atualmente, o Rádio vem se mantendo estável. Em fase de transição do analógico para o digital, o meio tem se reinventado e as possibilidades são múltiplas, tendo em vista o processo de multimídia que toda a comunicação atravessa.

O rádio sempre surpreendeu pela incrível capacidade de superar os momentos mais críticos que encontrou pela sua trajetória de cerca de 90 anos. Não poderia ser diferente agora, quando o digital não traz o propósito de ser superior a nenhum veículo, como aconteceu no advento da televisão, na década de 1950, mas de oferecer uma tecnologia mais avançada aos meios de comunicação existentes. (NEUBERGER, 2012, p. 148-149)

Este capítulo conta um pouco da história do Rádio no Brasil e em Alagoas, e traz alguns conceitos teóricos sobre o meio e sua linguagem, necessários ao embasamento conceitual do TCC. Além disso, também apresenta o quadro do Zé Oliveira e suas construções de linguagem e sentido característicos.

2.1 O Rádio no Brasil

A primeira experiência radiofônica no Brasil aconteceu em 1922, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da independência do país. Na exposição do evento, cada país amigo demonstrou uma invenção, e os EUA, através da empresa norte-americana Westinghouse Electric, apresentou o rádio por meio da completa montagem de uma emissora. A partir daí, a estação foi utilizada pelos Correios para a transmissão de boletins sobre o tempo e os preços do açúcar e café.

Ao longo da década de 20, o rádio galgou seu espaço a passos lentos devido às dificuldades em investimento, tecnologia, instalações, etc. O avanço do Rádio foi contido pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, mas, aos poucos, sua programação se expandiu, e três grandes áreas tomaram conta da programação – a música, a notícia e a publicidade. Cantoras passaram a disputar o título de “Rainha do Rádio” e agências de publicidade passaram a investir em larga escala no meio de comunicação, com o objetivo de divulgar e fortalecer o comércio de diversos produtos, bem como os artistas convidados utilizaram o meio para ganhar visibilidade.

O Rádio se estabeleceu em âmbito nacional no final de 1926, com o aparecimento dos primeiros artistas que disputavam a preferência dos ouvintes. As emissoras de rádio passaram a se tornar mais populares, e, em 1929, os aparelhos de rádio em São Paulo já ultrapassavam 60 mil unidades, número bastante significativo para a época.

Na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas sancionou uma lei autorizando a propaganda no Rádio, o que mudou o formato do meio, visto que a publicidade teve seu início e essa injeção na quantidade de anúncios pagos possibilitou tal crescimento.

Após o feito, o Rádio voltou-se para o lazer e entretenimento. Nessa mesma década, em 1935, Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai assinam um tratado de radiodifusão, e, no ano seguinte, foi fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, primeira em audiência por mais de 20 anos.

2.2 O Rádio em Alagoas

A história do Rádio em Alagoas pode ser contada a partir de dois grandes acontecimentos – uma tentativa e uma inauguração. Em 1925, Mário Marroquim reúne

um grupo de idealistas e instala a Rádio Clube de Alagoas, que durou pouco tempo devido à falta de investimento. Mais tarde, 23 anos depois, ele se tornou o primeiro diretor da Rádio Difusora de Alagoas (AM 960 KHZ), a primeira Rádio oficial do estado, e que funciona até hoje, vinculada ao Instituto Zumbi dos Palmares (IZP), veículo de comunicação do governo do estado. A rádio foi inaugurada em 1948, 26 anos após a primeira experiência do meio de comunicação em território nacional. Em 16 de setembro desse ano, o então governador Silvestre Péricles de Góes Monteiro foi o primeiro cidadão a falar numa rádio oficial alagoana, anunciando que o estado “já não era a zona de silêncio do Brasil”.

Nesse hiato entre 1925 e 1948, houve diversas tentativas de implantar algum veículo radiofônico no estado, e muitos destes idealizadores acabaram se juntando ao time da Difusora. Tentativas frustradas como a instalação da pequena emissora Estação Experimental, em 1933, e a inauguração de uma Rádio no município de Rio Largo em 1938, impedida de continuar pelo interventor federal Osman Loureiro, marcam esse período.

Apesar de um grande feito para o estado, a inauguração da primeira rádio não se deu de forma pacífica. De acordo com Ribeiro J. e Ferro (2015), Silvestre tentou viabilizar a implantação da emissora de rádio, por meio das vias legais, e como não obteve êxito junto à Assembleia Legislativa e Câmara Federal, utilizou a força policial, por meio de Antonio Góes Ribeiro, secretário de Segurança Pública, e do coronel Osman Lopes, comandante da Polícia Militar, para convocar os principais bicheiros da cidade.

Com os contraventores reunidos na sala de despacho do palácio, Silvestre foi curto e grosso: “Preciso instalar uma emissora de rádio em Alagoas, mas os filhos da p... dos deputados estão me negando os recursos. Por isso, preciso que vocês metam a mão no bolso e arranjem a bufunfa [...]” (CARVALHO, 2008, p. 8 apud RIBEIRO; FERRO, 2015, p. 2). Quinze dias mais tarde, Góes Ribeiro avisava que os bicheiros haviam colaborado. Dinheiro vivo na mão, Silvestre Péricles mandou comprar o transmissor e equipamentos de última geração.

Assim, a primeira rádio oficial do estado surgiu em meio a embates políticos e econômicos, mesmo que viabilizada como um veículo público. Silvestre Péricles atravessa um momento frágil de sua gestão, e tal fato fez com que ele implantasse a rádio às pressas e de forma irregular, o que fez com que ela só fosse legalizada enquanto

autarquia estadual em 1953, por meio da criação da Lei 1.708, assinada por Arnon de Mello, sucessor de Péricles.

O auditório do primeiro endereço da Rádio, no Centro de Maceió, esteve lotado para a inauguração, que foi um marco sociocultural para as terras alagoanas. A partir daí, o Rádio traçou seu pioneirismo e se destacou pelas radionovelas, com a participação de diversas vozes de todo o estado, e os programas de auditório que serviam como um verdadeiro caça-talento, divulgando os artistas da terra, de todas as idades e gêneros.

Dez anos mais tarde surge a Rádio Progresso, que não conseguiu se estabilizar. E em 1960, Arnon de Mello, já proprietário do jornal Gazeta de Alagoas, funda a Rádio que levou o mesmo nome e também segue ativa até hoje.

2.3 Linguagem, aspectos e características do Rádio

Apesar das muitas transformações que atravessou desde os seus primeiros passos no Brasil, o Rádio tem uma característica principal: a fala. Acompanhada de outros elementos típicos da sua linguagem, no Rádio, a fala (voz do locutor) é a principal ferramenta. Por isso, é o meio mais simples, democrático e acessível, uma vez que não exige atenção exclusiva, como a televisão, e pode alcançar indivíduos de qualquer gênero, classe social, localização geográfica, idade, alfabetização, entre outros. O ouvinte não precisa ser alfabetizado para receber a mensagem.

Portanto, há necessidade de traçar um elo comunicacional exclusivamente por meio de sons. O locutor (emissor) não pode recorrer à imagem para construir sentidos no ouvinte e um determinado padrão na voz e na fala precisa ser adotado para dar credibilidade à informação e mensagem transmitida.

O meio também é marcado pela mobilidade, tanto do ponto de vista do emissor, como também do receptor. O rádio chega mais fácil ao local dos acontecimentos e transmite as informações mais rapidamente. Para o ouvinte, ele está livre de fios ou tomadas, consegue acessar os acontecimentos de forma simples e imediata.

O aparelho receptor do rádio tem um custo baixíssimo e pode ser adquirido por grande parte da população. Atualmente, é possível sintonizar as emissoras de rádio por diversas outras formas, seja por um computador, aparelhos instalados em veículos

automotores, e aplicativos de *smartphone*, que muitas vezes já vêm configurados com alguma ferramenta para a escuta do rádio.

Por ser uma mídia que precisa evocar a imaginação do ouvinte através da audição, o conteúdo de rádio está sempre acompanhado de elementos sonoros, postos com o objetivo de fazer com que esse ouvinte preencha determinadas lacunas e construa a narrativa baseando-se no que ouve. Logo, o conteúdo deve ser cativante e prender a atenção do ouvinte - sujeito esse que é sempre oculto.

No rádio, o locutor e o programa em si não têm controle sobre o público que o ouve, portanto, esse público pode se apresentar de forma heterogênea em diversos aspectos (idade, gênero, ideologias). O sujeito oculto tem a capacidade, conseqüentemente, de imaginar e associar o que ouve à sua construção própria de sentidos - evoca situações próprias do imaginário do ouvinte (processos de cognição e transferências de sentido). Partindo do pressuposto de que é impossível ficar inerte à mensagem veiculada no rádio, visto a tríplice interação entre locutor, produto radiofônico e ouvinte, Gomes (2006) traça um paralelo entre a estética da recepção, dividida em três estados - *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis* -, e a experiência radiofônica. É relevante pontuar o Rádio como meio de comunicação com valor estético para quem o experimenta. Ele é mais que um meio de comunicação, é um produto artístico que desperta e promove valores estéticos no ouvinte.

Para Gomes (2006), a *poiesis* é a fruição compreensiva onde o leitor sente-se coautor da obra. Aplicando esse conceito ao rádio e escuta, há uma troca colaborativa entre locutor e ouvinte, onde há um intercâmbio entre o acervo informacional de cada um e as intenções da mensagem, que pode gerar pontos afins entre esses agentes. Dessa forma, na *poiesis* há um ponto de encontro dessas informações, onde surge a atribuição e confirmação de sentidos à mensagem.

Após isso, na *aisthesis*, ele experimenta uma sensação de prazer provocada pelos horizontes de expectativas do ouvinte, principalmente quando há identificação entre as partes. Por fim, após vivenciar o conteúdo radiofônico, o ouvinte adota novas compreensões e posturas sociais, o que é chamado de *Karthasis*: o ato da escuta radiofônica é catártico no momento em que o ouvinte sente prazer por algo que o impactou através de processo de sincronia emocional, isto é, o objeto de percepção sonora causa-lhe uma sensação de bem-estar.

E uma vez que esse meio retoma e se baseia na cultura oral, o sentido só será concreto se o receptor (ouvinte) estiver atento e estabelecer o vínculo com a mensagem. Esse conceito, como aponta Machado (2016), com base nos estudos de Noval Baitello Jr., propõe que “ouvir é trazer a atenção de alguém para o que nós dizemos e mostramos”.

Ele amplia a noção de ouvir para explicar como qualquer elemento disponível no universo da mídia pode nos fazer mergulhar em seu significado, a partir do momento em que consegue mexer com a nossa essência. Comunicação não se dá, então, só pela emissão de mensagens, mas no momento em que alguém aceita, apreende, se atenta para o conteúdo que disponibilizamos no mundo. (MACHADO, 2016, p. 200)

Balsebre (1994), ao discutir o rádio, parte do princípio de que ele é um meio de expressão e não apenas um mero difusor de informações. Para tanto, estabelece alguns parâmetros do rádio enquanto meio de comunicação e expressão através da semiótica, apontando que a industrialização priorizou o rádio como um meio de serviço voltado para a venda, segmentando o público por interesses e deixando de lado a possibilidade artística e estética que o meio possui. Segundo ele, essa industrialização especificou os tipos de público ao buscar a venda de diversos produtos.

O autor define as palavras, as músicas, os efeitos sonoros e o silêncio como os componentes da linguagem radiofônica. Estes elementos possuem características próprias que, combinados entre si, resultam no entendimento final da mensagem, agindo no inconsciente do ouvinte, ao passo que a voz do locutor atua no consciente. Além disso, essa linguagem reúne elementos de natureza paralinguística, ou seja, aspectos que vão além da fala, tais como: ritmo da fala, entonação, volume da voz e pausas utilizadas durante a locução.

Dessa forma, para ele, até mesmo a presença do silêncio contribui para a construção da imagem mental no ouvinte - a ausência de som modifica a interpretação ao dialogar com o contexto da mensagem,

O conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto de recursos técnicos / expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 1994, p. 329).

Esses componentes, no entanto, perdem sua individualidade na prática do rádio, uma vez que interferem uns nos outros, mudando o sentido em algumas situações e corroborando para a construção de outras. Assim, o ouvinte precisa preencher os elementos de indeterminação provocados pela linguagem radiofônica a partir de uma construção cognitiva prévia.

O discurso radiofônico pode ser definido como uma totalidade de significantes, construídos a partir da soma entre conteúdo e forma e elementos sensoriais de caráter auditivo. Assim, o ouvinte possui uma postura responsiva ativa ao compreender a significação do discurso. Diante disso, a linguagem radiofônica se dá por meio da construção de sentido entre os elementos nela presentes com a informação em si, o que criará a própria ideia do ouvinte, tendo em vista que este é um sujeito ativo e poderá concordar, discordar, complementar e aprimorar tal estímulo sonoro que recebe. Este ouvinte recebe a mensagem e dela é afetado nas esferas racional, sensorial e emocional.

A informação estética na linguagem é gerada, como esclarece Balsebre, através de uma excitação sentimental no processo comunicativo, que guarda grande conexão com o simbólico e o conotativo. Alguns programas demonstram o poder mágico de sedução do rádio. São programas que utilizam a linguagem radiofônica de forma integral, codificando a expressão sonora com todos os recursos possíveis e integrando na mesma mensagem o semântico e o estético. (BAUMWORCEL, 2005, p. 8)

Por isso, é importante entender esse ouvinte como um receptor ativo da mensagem e que não está isento de suas próprias convicções, discursos, posturas, ideias e imagens ao ouvi-la. A mensagem do rádio apenas poderá reforçar imagens já concebidas sobre determinado objeto.

2.4 “Falando bem” no Rádio

Por grande parte de seu conteúdo ser pautado na fala, o locutor de Rádio, protagonista desse meio de comunicação de massa, precisa seguir determinadas orientações para cumprir o seu papel. A mensagem é instantânea e, na maioria dos casos, só será recebida pelo ouvinte uma vez, então qualquer lacuna nesse diálogo prejudicará a transmissão do conteúdo.

O livro *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM* de Cyro César (2009) é considerado um dos principais manuais de locução radiofônica e, pelo próprio título,

já se entende a necessidade de preencher alguns modelos de fala para ocupar um espaço no meio.

Na obra, o autor aponta diversos conteúdos, práticos e teóricos, como recomendação para estudantes, locutores e interessados no rádio. Sobre o ato da fala, ele ressalta que, independente da atuação, para estar no meio “é necessário ter uma boa voz, [...] e domínio da dicção, articulação e pronúncia, porque o microfone amplifica e revela eventuais defeitos ou falhas” (CÉSAR, 2009, p. 124).

Ele enumera alguns tipos de locutor, são eles: locutor em FM, locutor em AM, locutor esportivo, locutor animador, locutor apresentador, locutor noticiarista, locutor repórter, locutor entrevistador, locutor comercial. Afirma, ainda, que “sem a tensão muscular, a voz é produzida de maneira natural, e temos a concentração necessária para a livre execução do nosso trabalho” (CÉSAR, 2009, p. 43).

2.5 “Zé O-li-vei-raaaa!”

O trecho a seguir é o primeiro parágrafo de uma matéria publicada em 24 de novembro de 2012, no portal Minuto Arapiraca, vinculado ao Cada Minuto, site de notícias de grande relevância no estado.

Se alguém perguntar quem é José de Oliveira Santos, certamente pouca gente saberá dizer quem é. Agora se essa mesma pessoa perguntar quem é Zé Oliveira, a maioria deverá associar o nome ao comentarista esportivo mais carismático do rádio arapiraquense. Ele tem 53 anos, é casado e pai de um filho. Gago de nascença, os comentários esportivos de Zé Oliveira já se tornaram uma atração nas manhãs do rádio arapiraquense. (MINUTO ARAPIRACA, 2012, ON-LINE)

Apesar de assinado há quase oito anos o conteúdo, que tem como título “Zé Oliveira: o gago mais simpático do rádio arapiraquense”, continua fiel à realidade. Nessa matéria, é possível notar a construção da imagem feita em cima da pessoa Zé Oliveira, associando-o a uma posição de “carisma” e “atração”, termo extremamente problemático e que direciona a fala gaga do radialista para um contexto de curiosidade, uma vez que esta foge do que os ouvintes esperam.

A matéria vai contar a história do chamado “gaguinho simpático”, o Zé Oliveira. Segundo o texto, ele começou a trabalhar na portaria da rádio 96 FM de Arapiraca. Na época, quem comandava o programa de maior audiência da emissora durante as manhãs

era o radialista Alves Correia. A matéria diz que, como nas segundas-feiras não circulavam jornais, o radialista geralmente consultava Zé Oliveira sobre os resultados dos jogos do domingo, principalmente o jogo do clube Agremiação Sportiva Arapiraquense (ASA), como é conhecido o ASA de Arapiraca, principal time da região e que levou o nome do município por todo o Brasil.

Num certo dia, Alves Correia convidou Zé ao estúdio e “para a surpresa do porteiro, foi colocado no ar, ao vivo, e convidado para comentar o jogo do ASA”. Nesse momento da matéria, uma fala direta é atribuída ao Zé, que conta que “as palavras praticamente não saíram de minha boca. Fiquei vermelho, verde, amarelo, enfim, foi terrível”. Tal descrição reflete o peso emocional e psicológico que um gago sofre ao ser colocado sobre uma situação de pressão.

Após o comentário de Zé, o texto ressalta que “o momento constrangedor também foi engraçado. Os ouvintes gostaram e no dia seguinte começaram a ligar pedindo que os comentários do ASA fossem feitos pelo repórter gago. E assim aconteceu uma, duas, três vezes, até os dias atuais”, e cita, numa outra fala de Zé, que ele afirmou que as participações como comentarista “lhe serviram como terapia”:

Por incrível que pareça eu era mais gago do que sou hoje. Essas participações melhoraram meu problema em mais de oitenta por cento. Algumas pessoas acham que a minha gagueira é proposital, mas quem me conhece de forma mais íntima sabe que sou gago de verdade. (ZÉ OLIVEIRA, 2012, MINUTO ARAPIRACA)

Atualmente, o município de Arapiraca conta com oito emissoras de rádio registradas, todas funcionando por frequência modulada (FM): Rádio Imprima (105.3 FM), Rádio 96 FM Arapiraca (96 FM), Rádio Gazeta (101.1 FM), Rádio Novo Nordeste (91.5 FM), Rádio Nova (103.3 FM), Rádio Pajuçara (101.9 FM), Rádio 105 (105.9 FM) e Rádio Metropolitana (97.9 FM).

Dessas, uma das principais é a 96 FM. Há pouco mais de 40 anos, em 08 de setembro de 1979, estreava a Rádio Jornal de Hoje, que com o passar do tempo se tornou a 96 FM Arapiraca, a “casa” do Zé Oliveira e “primeira FM do interior do estado”, como ressaltado nas redes sociais. Zé integra o programa “Show de Notícias”, atualmente sob o comando do radialista Isve Cavalcante.

O programa conta com uma programação versátil, que passeia entre a divulgação e comentários de notícias, locais, nacionais e internacionais. Há muitos anos,

o radialista gago participa do programa que vai ao ar das segundas-feiras aos sábados, das 5h às 9h, sendo responsável por fazer alguns *merchandisings*, cumprimentar os ouvintes e narrar placares de futebol amador nacional e de outros esportes.

O quadro do radialista esportivo Zé Oliveira, assim como é apresentado na rádio, conta com uma abertura de 25 segundos. Apesar de curta, a abertura reúne trechos, falas e sons humorísticos que fazem menção à gagueira do radialista por meio do riso de zombaria e dialogam com o humor grotesco.

Quadro 1 - Decupagem da abertura do quadro do Zé Oliveira

Tempo	Narração	Conteúdo
0:01 – 0:04:	Voz masculina acompanhada de um jingle de suspense	“Vem aí mais um vice-campeão de audiência...”
0:05	Voz masculina em tom brincalhão	“Hã?”
0:06 – 0:08	Voz masculina acompanhada de um jingle brincalhão e risadas	“No ar...”
0:11	Apenas som	Som de arrote e pum
0:11	Voz masculina enfática	“Zé Oliveira!”
0:13 - 11	Voz infantil	“Só-só-só um sotaquezinho, né?”
0:12 – 0:22	Mulher cantando com instrumental de fundo	“Ele é o cara / vai direto ao assunto / não fala besteira, ele não tem gagueira / esporte amador pelo Brasil afora é com Zé Oliveira!”
0:23	Voz masculina	“Fala, Zé!”
0:23 – 0:25	Voz masculina	“Zé O-li-vei-raaaa!”

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Ao longo do quadro, as formas de humor se repetem e se prolongam. Na abertura, há quatro menções à gagueira do radialista: “Rejeitado por todas as outras rádios”, “Só-só-só um sotaquezinho, né?”, “Vai direto ao assunto”, “Ele não tem gagueira”. Os trechos se baseiam na ironia, sarcasmo e zombaria da fala gaga, constituindo um humor pautado nesses traços.

Ao brincar que o radialista foi “rejeitado por todas as outras rádios”, a chamada para o quadro deixa implícito que uma pessoa gaga não é adequada para ocupar um

espaço como locutor de rádio, pois a fala gaga não é o que se espera nesse meio de comunicação, portanto, esse radialista foi “rejeitado” em todas as outras. O trecho reforça a exclusão que o gago sofre no convívio social e é ainda mais acentuada no Rádio, espaço de atuação no qual o padrão de fala “normal” é imprescindível.

“So-so-só um sotaquezinho” é um exemplo de como a imitação é utilizada para fazer chacota da fala gaga, além de conter a ironia em comparar a gagueira, que é um transtorno extremamente prejudicial ao indivíduo, com o sotaque, uma maneira particular de alguém pronunciar certas palavras, ligada à região geográfica de origem ou vivência deste.

E na cantarola presente ao final do quadro sobre o radialista, encontramos mais dois exemplos de ironia: “Vai direto ao assunto” e “Ele não tem gagueira”. É sabido que a gagueira se dá por conta das repetições, bloqueios, pausas, interrupções e travamentos na fala do sujeito, o que prejudica a comunicação. Assim, afirmar que o radialista gago “vai direto ao assunto” é, também, uma maneira de construir o humor com base no transtorno, uma vez que devido a essa dificuldade, ele terá bastante dificuldade em explanar suas ideias e falar o que deseja.

A abertura também faz menção ao grotesco escatológico quando há presença de sons de arrotos e pum. Por fim, todo o quadro é voltado para a gagueira do Zé Oliveira e o tempo inteiro dá indícios disso, inclusive na própria abertura. Logo, dizer que “ele não tem gagueira” é só mais uma ironia presente no contexto para ressaltar o conteúdo humorístico através da zombaria. Além da abertura, ao final de cada programação e participação do radialista, também há uma montagem de encerramento, que dura dez segundos e é sempre presente.

Quadro 2 - Decupagem de conteúdo do encerramento do quadro do Zé Oliveira

Tempo	Narração	Conteúdo
0:01 – 0:02	Voz feminina	“Zé... Oliveeeeira!”
0:02 – 0:06	Voz masculina em tom afeminado e de flerte	“Um rapaz alto, louro, forte, um metro e noventa, membrudo”
0:06 – 0:07	Apenas som	Pessoas vaiando
0:07 – 0:10	Várias vozes femininas	“O repórter esportivo que não tem ga-ga-ga-gueeeeira!”

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Assim como a abertura, o encerramento do quadro, apesar de curto, dialoga com diversos artifícios em menção à gagueira. Mais uma vez, ao falar que o “repórter esportivo” não tem “ga-ga-ga-gueeeeira”, a intenção é provocar um humor irônico, visto que é fato que o radialista é, sim, gago. A imitação, característica do humor, também é presente de forma irônica.

Além disso, também é presente o humor de zombaria em referência a um possível indivíduo homossexual. Na narração, a voz masculina em tom afeminado, claramente forçado, diz, em menção ao Zé, que ele é “Um rapaz alto, louro, forte, um metro e noventa, membrudo”, ressaltando novamente o teor humorístico do quadro, pois o radialista é idoso, magro e já passa dos 60 anos. A chacota com o estereótipo de um sujeito homossexual também é visível pelo tom utilizado na voz.

Tanto a abertura, como o encerramento estão sempre presentes no quadro.

2.6 “Ele é o cara!”

Diante do exposto, fica claro que a fala do Zé Oliveira (gaga) suscita uma atividade cognitiva nos ouvintes (comicidade), afetados pela “comédia” de um radialista gago. Se o Zé Oliveira gagueja e essa seria a premissa para uma atuação radiofônica desastrosa e esteticamente incorreta, uma vez que a gagueira comprometeria a informação e o padrão adotado no Rádio, por que ele se mantém nesse espaço e é querido pela audiência?

Esse relacionamento matinal do público com o radialista pode encontrar respaldo na tese de Torres (2010). A autora realizou uma pesquisa com 15 ouvintes assíduos de rádio, com o objetivo de refletir sobre as questões envolvidas na escuta radiofônica a partir da percepção destes, dialogando com aspectos da relação rádio e ouvinte nas dimensões afetiva, social, criativa e existencial da informação radiofônica.

Ela concluiu que o hábito de escutar o rádio está ligado à necessidade de buscar um certo aspecto de “ânimo”, “descontração” e “contentamento” através desse meio de comunicação, visto que a escuta radiofônica é responsável por modificar os sentimentos e contribuir com a melhoria do humor das pessoas durante o dia, superando tristezas e emoções negativas.

[...] durante a escuta radiofônica, ouvintes têm contato com conteúdos e experimentam emoções. Muitas das vezes, sentem-se tocados pela programação transmitida. E, nesse sentido, demonstram optar por programas que proporcionem o bom humor e evitam o que consideram estressante, ruim. Isto é, não recebem conteúdos passivamente e, assim, são afetados. Demonstram fazer escolhas e, a partir de suas intenções, sintonizam programas de acordo com o estado de espírito que querem alcançar ou manter. Esse aspecto emotivo aparece como um dos traços característicos da relação rádio/ouvinte e foi observado em outras pesquisas. (TORRES, 2010, p. 42)

O quadro, que reforça um dito teor humorístico na gagueira, já previamente instaurado na sociedade, parecer ser uma boa opção para cumprir uma lacuna de entretenimento e diversão do ouvinte, apesar de ir na contramão de Dantas e Gomes (2010), quando afirmam que,

[...] os critérios de postura, voz e dicção do locutor, considerando que a não observância de tais procedimentos de ordem técnica e fonológica pode comprometer o seu trabalho ou mesmo resultar numa produção artística de qualidade duvidosa. (DANTAS;GOMES, 2010, p. 191)

No caso do Zé, uma exceção, essas “falhas” na fala e dicção são a exata razão pela qual o radialista ocupa seu espaço. São diversos os fatores, práticos e teóricos, que comprovam o deslocamento do radialista gago no programa. Num cenário comum, a possibilidade de um gago ocupar a locução de uma rádio seria completamente irreal.

O locutor de rádio é o responsável por apresentar os programas, interagir com os ouvintes, fazer a propaganda durante sua grade horária. A partir da voz, ele tem o poder e é condicionado a performar a fala ao estar inserido num ambiente como rádio. À frente de um texto, esse radialista pode ironizar, duvidar, brincar, rir, entreter, afirmar, etc. Seu curto espaço na rádio, como já citado, é preenchido por responder aos ouvintes, que lhe enviam mensagens de saudação e cumprimento, divulgar comércios locais e narrar placares de jogos de futebol.

Logo, ele não se encaixa em nenhuma categoria de locutor estabelecida por César (2009). No que se refere ao locutor comercial, o profissional deve ser capaz de exercer modulações na voz, mudança de ritmo na verbalização e naturalidade na interpretação do texto. No quadro, é notável que Zé está lendo algum conteúdo previamente escrito, tendo em vista a repetição das mesmas mensagens de propaganda durante a análise, e não há esforço, preparo ou competência na manipulação vocal para ser considerado um locutor comercial.

Seu papel também foge de um enquadramento enquanto locutor esportivo ou “repórter esportivo”, como aponta erroneamente o encerramento de seu quadro, uma vez que ele não narra partidas ou faz comentários baseados em conhecimentos técnicos, apenas lê resultados de jogos de futebol.

Além disso, na obra, César (2009) destaca os principais erros que locutores de rádio podem cometer, e Zé Oliveira, seguindo esse percurso teórico e as categorias elencadas pelo autor, comete diversos deles. Ao analisar o corpus, é perceptível que, para os padrões do rádio, o radialista gago apresenta uma locução lenta, tensa, entrecortada, sem clareza, com vícios, muito presa ao papel, codificada, gutural, sem pontuação, cadenciada e sem projeção e ressonância. A tensão geral e tensão muscular na fala citada por César (2009) como um fator que atrapalha a locução radiofônica, é uma das principais características da gagueira.

Tendo em vista esse apelo estético que o rádio provoca e traz para a vivência do ouvinte, não é difícil imaginar as razões que levam um grande público a acompanhar o Zé Oliveira. O papel dele nesse espaço é o de fazer rir, entreter, divertir. Por meio da gagueira, o radialista é um alívio cômico num longo programa com cerca de quatro horas, que se propõe a divulgar notícias com informações consideradas mais “pesadas”, como assuntos políticos e sobre segurança pública local. Assim, ele garante o “respiro” da programação. Isso é notável até pelo tempo em que ele é colocado no ar, cotidianamente por volta das 7h, precisamente na metade do programa.

A depender da natureza do programa radiofônico, a locução irá traduzir certas impressões nos ouvintes: situações de suspense e desespero, estados de alegria ou tristeza, das quais resultam certos sentidos quando o locutor acentua determinadas palavras, formula inflexões ascendentes ou descendentes, alonga determinados vocábulos, enfatiza interjeições, destaca sílabas, faz pausas, fala mais alto ou de modo brando, adicionando-se, ainda, os recursos artísticos da sonoplastia (DANTAS; GOMES, 2010, p. 191)

Portanto, se o Zé Oliveira é utilizado como comédia, a construção dessa abordagem no ouvinte é voltada para entender gagueira como comédia. Nas etapas elencadas, associados ao conteúdo exposto no quadro do radialista, fica claro que o ouvinte irá se deparar com uma postura e construção que enquadra o Zé Oliveira, sujeito gago, num espectro cômico.

Dessa forma, se no ouvinte já permeia o estereótipo de radialista ter, obrigatoriamente, uma fala fluente, ao se deparar com o Zé Oliveira gaguejando, não irá

levá-lo a sério. Consequentemente, o conteúdo que ele passa não é recebido formalmente, uma vez que o ouvinte irá entender que esse nem é o objetivo do quadro, enxergando-o, portanto, de forma exclusivamente humorística, teor reforçado por toda a sonoridade do quadro para além da fala do radialista.

A forma com que recursos como pausa, entonação, músicas, e especificamente a gagueira agem junto ao ouvinte transformam o Zé numa espécie de personagem. As palavras carregam aspectos de sentimentos e afetos da enunciação. Logo, os elementos de repetição quando o Zé Oliveira gagueja são utilizados para provocar a comédia, e essa comédia faz alusão a algumas formas de humor, como o riso de zombaria e o grotesco.

Diferente de um radialista trivial, Zé Oliveira não precisa “performar” a locução para atingir o ouvinte. Ele é a própria performance. Com a voz embargada, falhas de dicção e algumas vezes, até rindo da própria gagueira e dos efeitos sonoros postos, o locutor se conecta com o ouvinte e desperta nele sensações estéticas de prazer por meio do riso, sorriso ou gargalhadas. Mesmo que o ouvinte não esteja completamente atento, o Zé Oliveira chamará sua atenção devido à quebra de expectativa do que se espera num radialista. Como aponta César (1991), o locutor é no ar o que ele realmente é como pessoa. Talvez por isso Zé consiga tanto engajamento.

Outrossim, é necessário refletir sobre o porquê da sua presença na mídia local ser permitida e contemplada. Amaral (2006) apud Portari (2015) distingue os estilos do jornalismo em “popular” e “referencial”. Essas duas categorias diferem quanto à linguagem, tipos de fontes e estratégias para formação e informação aos públicos. No jornalismo de estilo popular, diz a autora, não há tanta preocupação com a imagem de credibilidade do programa, pois seus anunciantes são as pequenas marcas populares, como é o caso do quadro no programa Show de Notícias. Por outro lado, há uma mistura de gêneros ficcional, narrativo, informacional e opinativo.

O conceito de jornalismo popular tem sido, inicialmente, aplicado ao jornalismo impresso, no entanto, as mídias eletrônicas passaram também a reproduzir em ondas sonoras ou em vídeo características dessa tipologia de jornalismo.

Se os jornais impressos tiveram como expoentes como o Notícias Populares no que diz respeito de modelo de ‘sensacionalismo’ ou ‘popularesco’, no rádio observa-se programas como o já citado Afanázio Jazadi e, na televisão, produções como o ‘Programa do Ratinho’, que até hoje apelam para uma fórmula já consagrada pelos impressos na luta pela audiência: a exploração

da degradação do outro como forma de entretenimento e diversão para seus telespectadores. (PORTARI, 2015, p. 6)

Amaral (2006, p. 5) destaca que a “relação do público com os jornais populares baseia-se fundamentalmente na fruição”, que significa “usufruir satisfatoriamente de algo”, “gozar e utilizar”. De acordo com ela, os jornais, e aqui também podemos dialogar com as rádios, entreter é divertir com distração, de forma prazerosa. No caso Zé Oliveira, pelo riso.

Ao compreendermos a proposta, objetivo, tempo de duração e necessidade de adequação ao que o ouvinte quer escutar, a participação de um radialista gago no rádio passa a fazer todo sentido.

2.7 Zé Oliveira e mídia local

A construção da imagem do Zé Oliveira enquanto figura carismática vinculada à sua gagueira também é presente no perfil oficial do Instagram da Rádio 96 FM. Desde o primeiro *post* no perfil, publicado em 8 de julho de 2016, até o fechamento da coleta de dados, em 4 de junho de 2020, foram contabilizadas 525 publicações na plataforma. Dessas, o radialista é citado em apenas três posts, número bastante inferior ao de seus colegas de rádio. Ainda assim, duas dessas postagens são baseadas em abordar a gagueira do radialista.

A primeira menção ao Zé na rede social tem 512 curtidas e foi feita em 2018, curiosamente no Dia Internacional de Atenção à Gagueira, 22 de outubro. Na legenda, a rádio faz uma dita “justa homenagem” ao radialista, e logo complementa “Ele arrasa demais!”, sentença acompanhada de um *emoji* em formato de coração.

A postagem rendeu 34 comentários, muitos o “parabenizam” pela data e expressam carinho pelo radialista, já outros fazem menção ao *slogan* vinculado à figura do Zé: “É só um sotaquezinho”, *slogan* do quadro e já uma clara marca do radialista. No entanto, é notável que a maioria dos comentários vem acompanhada de *emojis* de riso, o que reforça a ideia do Zé – enquanto gago -, ser engraçado.

Figura 2 - Post em “homenagem” ao radialista Zé Oliveira, no Dia Internacional da Gagueira



Fonte: Perfil oficial da rádio 96 FM Arapiraca no Instagram

(<https://www.instagram.com/radio96fmarapiraca/>)

Outro momento em que a figura do Zé Oliveira também ganha destaque no perfil da rádio está exclusivamente baseado no fato dele ser uma pessoa gaga. Solange Damasceno, conhecida em todo o Brasil como a “Gaga de Ilhéus”, visitou o município de Arapiraca para participar de um evento e integrou o quadro do Zé Oliveira.

A Gaga de Ilhéus já é uma figura carimbada na mente do brasileiro quando o assunto é gagueira. Solange começou a ficar conhecida em 2004, quando fez participação num programa de rádio em Ilhéus, sua cidade natal. Desde lá, já participou de diversos programas de TV, como o extinto Show do Tom, na Rede Record, Pânico na Band, da TV Bandeirantes, A Hora do Faro, também da Rede Record, entre muitos outros.

O encontro dos dois gagos acabou se tornando atração na rádio e destaque num portal de notícias da cidade, o Diário Arapiraca. No Instagram, a foto da dupla gerou centenas de curtidas e diversos comentários, a grande maioria em tom de humor. A postagem rendeu 768 curtidas e 20 comentários. Neles, é possível encontrar muitas

piadas, tais como “Fiquei gaguejando só de ouvir os dois ao vivo”, “Vocês dois dá (sic) uma dupla implacável, mimimimisericórdia”, “Essa colocou a gagueira do Zé no chinelo, misericórdia”, “O José perde feio pra ela! (em menção à gagueira da Solange)”, “Quem é o mais gago kkkkkkkk”.

Figura 3 - Post no Instagram que registra o encontro de Zé Oliveira com a Gaga de Ilhéus



Fonte: Perfil oficial da rádio 96 FM Arapiraca no Instagram

(<https://www.instagram.com/radio96fmarapiraca/>)

A matéria do portal Diário Arapiraca também aborda o encontro de forma humorística. A matéria, cujo *link* foi tirado do ar ao longo da construção deste trabalho, é escrita por uma jornalista da própria rádio 96 FM e utiliza termos de cunho pejorativo como “a gaga”, “criatura” e “gaguinha” para se referir a Solange. Desde o título, os dois são postos como forma de “diversão” para o falante não-gago, visto que há uma menção à “batalha de gagos”, referência à dificuldade na fala que os dois sofrem e que não é compartilhada pela grande maioria da população.

Esse teor segue na utilização do termo “disputa”, que, segundo a jornalista, essa interação entre os dois “divertiu” os ouvintes. Adiante, ela conta que é questionada sobre a participação do Zé na rádio e admite que “não entendia bem”, mas “hoje não vive sem”. No texto, também são citados alguns comentários de ouvintes, como “Casal raiz”, em referência à gagueira que os dois compartilham e “Hoje ele está emocionado,

não vai terminar nem tão cedo”, tendo em vista que o radialista gago compartilhou o espaço no programa com alguém que sofre do mesmo transtorno.

Figura 4 – Imagem de tela de matéria que foi publicada no portal Diário Arapiraca sobre o encontro do Zé Oliveira com a Gaga de Ilhéus.

Batalha de gogos diverte ouvintes da Rádio 96 FM Arapiraca: "Casal Raiz"

Cheguei para trabalhar ainda meio sonolenta nesta segunda-feira (01). Perdi a primeira entrada com os destaques do Diário no Show de Notícias. Logo fui informada que a Gaguinha de Ilhéus estava no estúdio da rádio. Segundos depois, meu patrão, vulgo "Marcelinho", manda mensagem perguntando por mim.



Sendo sincera, eu não conhecia a Solange, a primeira vez que ouvi falar no nome da criatura foi na sexta-feira, quando me contaram que ela estaria no Arraiá Coringa.

Hoje, quando entrei no estúdio, não precisou de muitos minutos para eu já estar íntima da Gaga, até flor ganhei.

A disputa dela com Zé Oliveira - que cá entre nós, é um fenômeno - divertiu os ouvintes. "Ele hoje está emocionado, não vai terminar nem tão cedo", sugeriu ela enquanto Zé falava as notícias do esporte.

Alguns conhecidos questionam, quando me encontram, a participação do Zé. Vejam só, eu não entendia bem, mas vocês acreditam que hoje não vivo sem?! Nem eu nem cerca dos 99% de ouvintes da 96. A Primeira em Tudo.

Em meio a um programa sério, com notícias que infelizmente em sua maioria são negativas e notas de falecimento, o momento da gagueira é mais que esperado. Avalie quando é em dose dupla.

Quem não ouviu, lamentou. "Não acredito que perdi, acordei agora", escreveu uma pessoa nos comentários de uma publicação no Instagram.

O "Casal Raiz" deu o que falar.

Por tabela, eu também. Publiquei uma foto com a Solange no meu Instagram e não preciso nem dizer que foi sucesso, né?! Tanto que tipo, vocês lembram que no começo desse texto mencionei que "nunca nem vi" a Gaguinha? pois bem, me dei conta que só eu que não.

Fonte: Diário Arapiraca (link indisponível)

Nesse contexto, como indicam as figuras, as redes sociais e a imprensa local atuam como multiplicadoras da construção humorística em torno do Zé Oliveira. No Instagram, há uma interatividade com o público baseada em grande parte nas menções cômicas sobre o radialista enquanto sujeito gago. Mas esse tratamento não é limitado ao perfil on-line da rádio ou aos comentários dos usuários. Nas matérias jornalísticas analisadas, é perceptível as referências ao estranhamento com a fala disfluente, que se

reflete na inicial incompreensão e troca de sentidos quando o sujeito gago é colocado como locutor de rádio. As abordagens, no entanto, são carregadas de humor.

O jornalismo, enquanto plataforma de informação, é também subordinado a uma troca de sentidos com a população – no caso do rádio, representada pelos ouvintes -, por isso, em alguns temas precisa seguir um direcionamento tido como o consenso popular através das relações traçadas por um agendamento reverso entre os meios de comunicação de massa e o público. Dessa forma, a visão do público sobre determinado assunto é, muitas vezes, seguida pelo editorial do veículo, pois este precisa fortalecer o vínculo “falando a mesma língua” de seu público, visto que ele deve estar inserido culturalmente junto ao segmento de leitores a quem se dirige. Para tal, é imprescindível que os jornalistas conheçam previamente seu leitor e os jornais estabeleçam estratégias específicas em cada caso. (AMARAL, 2006, p. 12)

Segundo Briglia (2015), a narrativa jornalística tem o poder de tornar “divertido” determinados temas a depender da construção textual, pois ela pode escolher um ‘personagem’ capaz de comover o público e promover momentos em que a sensibilização e a diversão se sobrepõem aos fatos com o objetivo de entreter.

Portanto, se a população de forma abrangente já enxerga, culturalmente e historicamente a gagueira como um objeto de humor e riso, o rádio, enquanto meio de comunicação popular, aqui pautado numa cidade razoavelmente pequena e que precisa atender a demandas proporcionalmente semelhantes, segue o mesmo discurso para dialogar com seu público.

3 HUMOR, RISO E GROTESCO: CONCEITOS E APLICAÇÕES AO ZÉ OLIVEIRA

O riso é uma área que contempla pesquisas de diversos estudiosos – filósofos, psicólogos, historiadores, sociólogos, médicos – todos eles se debruçaram, ao longo da história, em entender as raízes desse fenômeno que se modifica de acordo com os tempos e culturas. O que nos leva a rir de algo? Por que rir é tão prazeroso? O que há por trás do riso?

Este capítulo busca compreender a construção do riso em torno de Zé Oliveira, reunindo uma fundamentação teórica que se debruce sobre os pontos-chave do humor e do riso aplicado ao sujeito gago, explanando, para tanto, conceitos e teorias de cada um, além de abordar brevemente a história de ambos. Será utilizado aqui, principalmente, o arcabouço teórico proposto por Bergson (1983), Propp (1992) e Sodré e Paiva (2002) e os estudos de Alavarce (2008), Verrone (2009), Portari (2015) e Ribeiro, L (2018). O objetivo é entender as razões pelas quais determinado transtorno se configura como uma forma de piada, e por que tal tratamento é reiterado quando aplicado num espaço midiático, e, mais especificamente, no Rádio.

3.1 Breve história do riso

O riso é uma expressão psicomotora, involuntária ou não, de alguns sentimentos que normalmente apresentam características positivas, como alegria, prazer, divertimento, entre outros. Ele é um ato visível no indivíduo, visto que se manifesta mediante expressões corporais - contração de músculos faciais, peitorais e abdominais, bem como expirações curtas mais ou menos ruidosas e um ligeiro aumento dos batimentos cardíacos. Pode se manifestar também por gargalhadas intensas, que são ainda mais marcantes, provocando altos sons, até lágrimas, dores e outros efeitos no corpo, como acesso de tosse e soluço.

O fenômeno pode ser provocado por diversos fatores: fisiológicos, biológicos, linguísticos, psicológicos e culturais. Seu campo de expressão é vasto, e seu significado pode adquirir uma nova roupagem de acordo com cada cultura. O riso normalmente está ligado a alguma expressão de humor, palavra que vem de origem latina – *humore* – e significa líquido.

O humor é diretamente ligado à cultura de um povo, e entender o olhar de cada um sobre o humor é um grande aliado na compreensão histórico e social de tal. Pessoas de diferentes culturas e lugares, riem de situações diferentes e por razões diversas. Assim como cada povo, genericamente, externa determinada imagem sobre o humor. O brasileiro, por exemplo, é reconhecido mundialmente por ser um povo feliz e bem-humorado – somos o “país do carnaval”. Pode-se afirmar que o humor é a construção, o mecanismo abrangente e predominante, e o riso, o ato, que normalmente advém da construção humorística.

Como visto ao longo da história, a comédia e o riso estiveram profundamente ligados às festas populares em detrimento ao culto religioso. Portanto, manifestações tidas como alegres se caracterizavam pela presença do humor. O carnaval, época de festas marcada dança, música e fantasias, se encontra nesse contexto.

Já países como a Alemanha e Inglaterra apresentam interpretações e reconhecimento próprio distintos sobre o humor. Na Alemanha, o humor tem uma conotação moralizante, visto que historicamente o país traçou um longo percurso para restaurar sua harmonia e criticar o Estado, reflexo de um povo que sofreu com sua identidade política durante décadas. O humor britânico, por sua vez, é reflexo de um povo que desde cedo foi prestigiado com firmes estruturas políticas, o que resulta num humor irônico e autocrítico, expurgando a liberdade do cidadão inglês.

Desde a antiguidade se pensa sobre o riso. Aristóteles afirma que “o homem é o único animal que ri”, constatando o caráter imaginável e racional do riso, qualidades ausentes em animais. Ele também colocava a comédia – e posteriormente o ato de rir -, numa posição inferior à tragédia.

Marcus Tullius Cícero defendia a utilização do riso como finalidade teórica. De acordo com ele, aquele orador que faz uso do riso obteria determinadas vantagens em relação ao seu interlocutor:

O emprego do risível no discurso torna o ouvinte benevolente, produz uma agradável surpresa, abate e enfraquece o adversário, mostra que o orador é homem culto e urbano, mitiga a severidade e a tristeza, e dissipa acusações desagradáveis (ALBERTI, 2002, p.58 apud ALAVARCE, 2008, p. 74).

De fato, os apontamentos de Cícero aplicados à oratória são pertinentes, tendo em vista que aquele orador que consegue provocar o riso em quem o ouve garante bons frutos nessa troca – uma vez que ele os elenca baseado numa tentativa de persuadir,

convencer e estreitar laços com o ouvinte, o que acaba acontecendo com Zé Oliveira. Ele, enquanto o próprio objeto do riso, acaba criando uma ligação com o ouvinte, e isso é notável no carinho que recebe.

Outro pensamento marcante de Cícero e relevante para a pesquisa é a afirmação de que “o campo ou província ... do risível ... restringe-se ao que pode ser como impróprio ou feio; porque os principais, se não os únicos, motivos de riso são as afirmações que comentam ou apontam algo impróprio de maneira nada imprópria. (CÍCERO, 1988, p.372-3 apud MACHLINE, 1999, p. 16). Portanto, tudo aquilo tido como impróprio – assim como uma fala gaga -, é risível.

Mas nem sempre o ato de rir foi visto com bons olhos. Na própria antiguidade, Platão apud Alberti (2002) defendia que a comédia e o riso estariam ligados ao “elemento inferior da alma humana, a parte irrazoável e distante da sabedoria”.

O cômico degrada o homem e pertence aos inferiores. Esteve atrelado ao subversivo, ao protesto, à inconformidade, à Cultura Popular. Na Idade Média, o riso foi condenado porque Jesus “nunca riu” (MINIOS, 2003). A afirmação surgiu no final do século IV por João Crisóstomo e influenciou escritos ligados à Igreja.

O que reforça o pensamento é que, no Novo Testamento, o riso foi utilizado como zombaria, e por diversas passagens Jesus foi vítima desses atos. Minois (2003) ainda aponta que é preciso admitir que os Evangelhos, os Atos e as Epístolas são muito severos em relação ao riso. Não fazem nenhuma menção de riso em Cristo,

Ao contrário, são os adversários que riam: eles zombam dele quando ele afirma que a filha de um notável não está morta, mas dorme; o próprio Jesus anuncia que escarnecerão dele; ele é ridicularizado pelos soldados por ocasião da Paixão: ‘Salve, rei dos judeus’. As beatitudes condenam claramente o riso neste mundo: ‘Felizes vós que chorais agora: vós riréis. ... Infelizes vós que ris agora: ficareis em luto e chorareis’ (MINOIS, 2003, p. 120).

Logo, como o homem – cristão – é feito à imagem e semelhança dele, deve imitá-lo, portanto não deve rir. Ainda de acordo com Minois (2003), ninguém contribuiu para demonizar mais o riso que os pais da Igreja. Grandes nomes da religião propagaram esse pensamento e desautorizaram o ato de rir, sustentando tal dogma com base num desprezo e condenação, pois aqueles que riam não buscavam imitar Jesus Cristo e estavam zombando de seu próximo. Diante disso, é justo afirmar que o riso foi

posto sob vigilância e repressão durante o período da Idade Média, sendo combatido em nome da religião.

Os estudos de Bakhtin (2013) apontam que a busca por uma ideia de “seriedade” foi o principal pilar da época: “O riso tinha sido expurgado do culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada. O tom sério exclusivo caracteriza a cultura medieval oficial (BAKHTIN, 2013, p. 63).

Assim, o período foi marcado pela antítese entre a rejeição ao riso devido à busca pela conservação dos valores cristãos, quando o homem devia escolher sabiamente para se afastar dos homens comuns e se aproximar dos valores divinos. A seriedade seria um passo importante para a salvação da alma. Esse argumento também encontra justificativa na própria interpretação bíblica sobre Deus e a criação do mundo.

São diversas as passagens bíblicas que ressaltam a perfeição em Cristo. Desde orientações aos homens à narrativa da criação do mundo, a bíblia expressa com avidez um ideal de perfeição que deve ser seguido e adotado por todos aqueles que creem em Deus e almejam seguir os passos de Jesus na Terra. Portanto, se o homem é feito à sua imagem e semelhança, e o riso surge de algo impróprio – só é possível rir de imperfeições -, o riso não condiz com o divino, visto que o ser supremo não ri e não apresenta características imperfeitas para objeto de riso.

Tal associação é presente desde a história de Adão e Eva, a primeira bíblica. Segundo o livro sagrado cristão, eles foram os primeiros seres humanos do planeta e criados à perfeição divina. Deus os criou num ambiente absolutamente perfeito, harmônico e sublime em todos os aspectos. O verdadeiro paraíso, descrito com belas árvores à vista e saborosos frutos para comer. Mas eles logo se deparam com a figura do diabo em forma de serpente e comem o fruto proibido, praticando o pecado. Esse foi o despertar da imperfeição e falha do homem, Adão e Eva se tornam impuros e passam a serem e se enxergarem imperfeitos. O fruto caracteriza a metáfora para o reconhecimento das falhas do homem, e que este nunca será livre de erros.

De acordo com Ribeiro, L. (2018), o conceito de riso surge repentinamente na história cristã ocidental ligado à antítese de Deus. O autor destaca a interferência da figura do diabo, associada às características negativas, como a responsável pelo riso ter sido visto como um problema. Se não fosse a interferência do Diabo, sua intromissão, inveja, e outros adjetivos pejorativos, o riso não teria aparecido como problema. Assim,

o riso não somente seria uma invenção diabólica, como teria passado a ser aperfeiçoado pelos seres humanos, em virtude de inúmeros elementos risíveis que o próprio ser produz, sendo um reflexo das suas imperfeições. Desassociar o riso da esfera demoníaca foi uma tarefa árdua que os ridentes cristãos medievais tiveram que se relacionar, mas que foi trilhada ao longo dos séculos.

O riso, em sua interpretação cultural e filosófica, portanto, é um fenômeno exclusivo do homem – ser com muito a rir de si e dos outros.

3.2 O riso em Bergson e Propp

Henri Bergson é um dos principais autores sobre o fenômeno do riso. Seu livro, *O riso*, consiste numa compilação de três artigos publicados na *Revue de Paris*. Tendo em vista a proximidade de alguns de seus conceitos ao estudo proposto neste trabalho, o autor foi escolhido como um dos principais pilares da pesquisa, mas é importante salientar que sua obra data do final do século XIX, quando as mídias e meios de comunicação de massa estavam em processo de surgimento e outras ainda nem existiam.

Logo, apesar da explanação de seus conceitos ser de grande relevância para o trabalho, o autor não discorreu sobre o riso levando em conta sua construção e implicação em espaços como o audiovisual, o rádio e tampouco a internet, que modificaram as formas de linguagem e sociabilidade existentes, bem como traçaram outras tantas.

Portanto, a ideia é aliar algumas abordagens teóricas de sua obra ao objeto analisado, trazendo uma correlação entre os propostos. Inicialmente, ele aponta três características sobre o riso. A primeira é que tal ato é exclusivamente humano, ou seja, “não há comicidade fora do que é propriamente humano” (BERGSON, 1983, p. 7). Podemos exprimir sentimentos e ter sensações ao admirar uma paisagem, por exemplo, mas só encontramos determinado teor cômico caso esse objeto se manifeste apresentando alguma relação com características humanas.

Adiante, ele trata o risível como algo que o indivíduo observa a partir de um certo distanciamento. Dessa forma, o riso seria uma manifestação de uma constatação proferida por esse indivíduo – ele iria rir de algo fora dele e de seu círculo social, portanto, ele só poderia “rir de si mesmo” se houver um distanciamento do indivíduo ou

um tratamento de si mesmo como “outro”: “[...] Se houver uma comparação com o outro ou com um comportamento que deveria ser o correto, o adequado, o aceito, o esperado, o justo” (VERRONE, 2009, p. 6).

O segundo ponto suscitado pelo filósofo francês é que, quando rimos de algo, precisamos deixar de lado a sensibilidade e a emoção através do não compadecimento com o objeto do riso. Assim, o riso exige essa anestesia momentânea carregada de insensibilidade, uma vez que sentimentos como empatia e piedade seriam um empecilho para o riso. Não teria como haver comicidade se todas as situações cotidianas forem levadas a sério:

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. (BERGSON, 1983, p. 7)

Isso não quer dizer, de acordo com o autor, que não seja possível rir de alguém pelo qual nutrimos certo carinho e ligação afetiva - só precisamos deixar de lado tal sentimentalismo para aproveitar o riso numa determinada situação. Se o indivíduo incorporar esse papel distante e não-sentimental, ele será capaz de rir em diversas situações cotidianas. Essa empatia pelo sujeito gago majoritariamente não é transmitida ou veiculada nos meios de comunicação.

Ao rir do radialista gago, o indivíduo avalia que aquela forma de comunicação verbal é errônea, ainda mais no espaço na qual ela está sendo posta (rádio), logo tal situação consiste num objeto de riso. Dessa forma, pode-se afirmar que o riso ocorre a partir da junção de dois fatores: a insociabilidade do sujeito que é objeto do riso + a insensibilidade daquele que ri. De forma racional e a partir de uma construção histórica e cultural sobre o papel do radialista, o ouvinte compreende que o espaço do Zé Oliveira é engraçado, pois quebra a ordem natural do rádio.

O autor também discorre sobre uma terceira característica coletiva do riso: sociabilidade. O riso está ligado às relações sociais, assim como também depende inteiramente do contexto da situação. Uma situação lida como engraçada para algum indivíduo, muitas vezes só carrega esse sentido devido ao contexto. Fora dele, aquilo pode não fazer sentido ou ter uma conotação diferente do cômico.

De acordo com ele, a sociedade traz algumas exigências para se viver nela. Entende-se que são esperadas determinadas práticas e comportamentos dos indivíduos.

Assim, há uma comunhão entre um número de homens, a partir de um grupo social, que castigam aqueles “inadaptáveis” à sociedade por meio do riso. Dessa forma, o riso exerce uma função de correção social, logo, ao rir do locutor gago, o ouvinte, implicitamente, externa o que ele entende por padrão de fala. Ele também traz o conceito do riso ligado à repetição, citando o teatro ou a repetição mecânica de alguma ação ou situação, citando o exemplo de, num dia, alguém encontrar um conhecido na rua que não via há muito tempo.

No primeiro dia, a situação nada tem de cômica, mas se ela ocorre no dia seguinte, e assim por diante, torna-se engraçada. Uma das principais características da gagueira é a repetição de sílaba, e dessa repetição pode haver a graça, pois “onde haja repetição ou semelhança completa, pressentimos o mecânico funcionando por trás do vivo” (BERGSON, 1983, p. 20).

Essa repetição pode suscitar a imitação por parte do receptor da mensagem. A imitação é uma forma de fazer comédia, visto que ela “pode-se tornar bem cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar” (BERGSON, 1983, p. 15) e no cotidiano de pessoas gagas é muito comum que elas estejam submetidas a esses atos vindos de terceiros. Ainda de acordo com o autor, “só começamos a ser imitáveis quando deixamos de ser nós mesmos”, assim, a imitação de uma fala gaga encontra embasamento pois entende-se que tal forma de comunicação não é a ideal, logo, não representa o correto do homem.

Verrone (2009), através dos estudos de Henri Bergson, aponta alguns fatores que podem dialogar com as causas do riso presentes neste TCC. O “gesto social”, a partir do “estranhamento relativo”, explica que o riso acontece quando o indivíduo, ao observar o objeto risível, reconhece algo semelhante, mas diferente. No caso, quem ri reconhece a fala, o idioma, o regionalismo de Zé, porém ao mesmo tempo o identifica como diferente, porque ele não se enquadra no padrão.

O riso impõe ao homem sociabilidade, e, ao rir da disfemia do locutor, os indivíduos também se socializam a partir de um padrão de fala - tendo em vista que a imensa maioria dos ouvintes são pessoas não gagas, e negam/rejeitam/corrigem, através do riso, a forma de expressão oral do Zé Oliveira (indivíduo gago). O riso é o termômetro que aponta à pessoa gaga que ela não é adequada, sendo a gagueira sua “deformidade”, existindo, portanto, um julgamento através do riso, que reforça o quão inadequado é aquele comportamento: a fala gaga.

Assim, o que se constrói é um processo de exclusão a partir do riso, através do processo de empatia absoluta compartilhado por aqueles que riem:

Isto coloca o riso bergsoniano numa situação interessante: Se rimos de alguém ou de algo, com certeza não é por aprovar o seu comportamento. A pessoa que percebe o fato não se sente nem lisonjeada nem feliz com o fato de ser objeto do riso (a não ser que seja numa situação deliberadamente cômica). Há certa ‘punição’ com o ato de rir, uma espécie de julgamento, já comentado, sobre o tipo de comportamento adotado pela pessoa e o tipo de comportamento esperado dela por consequência (VERRONE, 2009, p. 14)

E o indivíduo gago dificilmente se sentirá contente numa posição em que é objeto de risada. O filósofo soviético Vladimir Propp (1992) traz uma abordagem relevante para o estudo. Ele afirma que o sentido da comicidade está associado, entre outros, ao descobrimento de defeitos no mundo. Assim, o riso, para ele, tem ligação com os diferentes tipos de relações humanas e com a forma com que tratamos e julgamos os outros, e surge quando existe algo que contradiz o que é “certo”, o que podemos entender como um determinado padrão imposto na sociedade.

O filósofo classificou os tipos de risos no homem, e, segundo ele, é possível distingui-los em dois: o riso com zombaria e o riso sem zombaria. Popp afirma que no primeiro, “a pessoa compara involuntariamente aquele que ri consigo próprio e parte do pressuposto de não possuir os defeitos do outro (PROPP, 1992, p.180)”. É o rir do outro, não o rir com o outro. Zorzzeti (2005) apud Ribeiro, R. (2010) dá continuidade a esse pensamento ao complementar que o riso pode ser lido como um pressuposto de superioridade da parte de quem ri em relação ao objeto do riso. A ideia do “eu não sou como você”.

Logo, fica claro que o riso sobre uma pessoa gaga é uma forma que o indivíduo que ri tem de lembrar que não atravessa a barreira da fala, não está fora do “normal”, e essa abordagem é semelhante à bergsoniana, porque esse último destaca que o ato de rir também atua como uma ferramenta de união entre os indivíduos, exerce uma significação social. O inesperado e o desvio do ciclo natural das coisas causam o riso. No caso Zé Oliveira, não se espera um radialista gago, pois a construção em torno do rádio se deu, culturalmente, para que o ouvinte espere um determinado padrão de locutor.

A comicidade, portanto, apresenta causas tanto sociais como de costumes, através das quais a variação de características entre os indivíduos de grupos diferentes,

ou até no interior de um mesmo grupo, pode ser objeto de zombaria e riso. Ele também afirma que “o riso é incompatível com uma dor interna e autêntica. Deste modo o riso torna-se impossível se percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro, e também acabamos compartilhando deste sentimento” (PROPP, 1992, p.36).

Dessa forma, fica claro que a imagem social e midiática não está, em quase nenhum viés, ligada ao sofrimento que o indivíduo gago vivencia devido a sua dificuldade na fala e, conseqüentemente, dificuldade de comunicação oral, pois não há algum vínculo de empatia ou compaixão com esses sentimentos para impedir o riso sobre esse sujeito, que acaba se afetando ainda mais quando se vê como objeto de humor.

Por fim, o riso tem a utilidade de manter a sociedade organizada a partir de um ideal de perfeição criado por ela mesma – nesse caso, o padrão de fala, através da ideologia do bem falar (FRIEDMAN, 1994, 2012). Bergson (1983) acredita que a sociedade impôs certa mecanicidade ao homem, a partir de múltiplos padrões sociais em diferentes aspectos do cotidiano - podemos avaliar que um deles é a fala -, portanto o riso diante do radialista que foge da linguagem padrão mostra a uniformização desse tipo de linguagem na sociedade.

As teorias de Bergson e Propp também encontram pontos em comum sobre a eficiência do humor como forma de entreter e de conquistar o espectador ou o leitor - e ao ouvinte -, quando as aplicamos ao objeto do trabalho.

3.3 Humor Grotesco

O termo “grotesco”, ao longo da história, conforme apontam Sodré e Paiva (2002) obteve um sentido polissêmico que dá e deu margens para diversas interpretações e abordagens no que diz respeito às suas variadas formas de aplicação estética: artes, literatura, cinema, teatro. O conceito oposto ao grotesco é o sublime. Um possível “sublime” no Rádio, seria, portanto, os padrões de fala e boa locução.

O grotesco vem do italiano La Grotta (gruta ou porão), expressão que surgiu no final do século XV para denominar ornamentos estranhos nos porões na Domus Aurea de Nero, na Roma Antiga. As decorações murais eram marcadas pelo apelo ao fantástico, repletos de seres humanos e não-humanos deformados. Historicamente, o conceito de grotesco já foi considerado uma monstruosidade, quando tomava o lugar de representações naturais e

verdadeiras. Com o passar do tempo, o termo deixa de ser a coisa, e passa a ser aquilo que categoriza alguma coisa, aplicando-se a tudo aquilo que é disforme, interpretado como bizarro, fantástico ou extravagante, entre outras interpretações. (LIMA JÚNIOR; PADILHA, 2019, p. 5)

No contexto social, analisando os efeitos que queremos apontar ao falarmos que determinada coisa ou situação é “grotesca”, o sentido do termo se configura em tudo aquilo que causa certo estranhamento, choque, rejeição e incômodo. Tais reações se concretizam, na prática, no riso, no medo, na surpresa, no pavor.

A equação mais simples deste fenômeno esteticamente apontado como grotesco será: Grotesco = Homem # Animal + Riso. Daí partem as modalidades atinentes à escatologia, à teratologia, aos excessos corporais, às atitudes ridículas e, por derivação, a toda manifestação da paródia em que se produzem uma tensão risível, por efeito de um rebaixamento de valores (o bathos retórico), quanto à identidade de uma forma. [...] Pode-se rir do terrível ou das desproporções escandalosas das formas, transformando-os em veículo de irrisão e de provocação aos cânones do esteticamente correto (SODRÉ; PAIVA, 2002. p. 62)

De modo geral, a sociedade não aceita figuras, atos e ações que transgridam determinadas normas, possivelmente vinculadas à moral, estabelecidas de acordo com cada cultura e percalço histórico. Ainda que diferente de acordo com o contexto, o incômodo normalmente está ligado à sexualidade, necessidades orgânicas e fisiológicas, formas do corpo e padrões sociais de comportamento.

Uma definição de grotesco apresentada por Sodré e Paiva (2002) é a afirmação que grotesco é tudo “aquilo que na organização da obra não se justifica como tal”, sendo assim “uma estranheza, uma aberração de estrutura ou contexto”. Definitivamente, um radialista gago não se justifica dentro dos padrões do rádio, e sua presença é validada ao pensarmos nas tentativas de conquistar e manter a audiência, trazendo uma atração com caráter humorístico.

Historicamente, o belo foi associado àquilo que dá prazer ao ser experienciado pelos sentidos, como a visão e audição, e que corresponde a uma construção estética próxima à perfeição ou que, de alguma forma, agrada. O feio, em contrapartida, é o que desagradá. Por outro lado, e com características dos dois conceitos, o grotesco é aquilo considerado “feio” por alguma razão, mas que desperta curiosidade e apreciação que o belo. “Em outras palavras, para provocar o riso, o grotesco precisa estar em sintonia com o sublime e quebrar as expectativas de quem ri, sem ultrapassar a linha tênue que o separa do asco”. (RIBEIRO, R. 2010, p. 3)

Os autores distinguem historicamente cultura de massa de cultura elevada. A primeira deve apresentar uma linguagem mais “pobre”, homogênea e simplista (não-complexa), uma vez que deve ser compreendida e atingir diversos públicos, independente de classe social, gênero, idade, entre outros recortes. Essa especificidade causa um “empobrecimento” da mensagem em relação à cultura elevada. Portanto, o rádio, enquanto meio de comunicação de massa, acaba se utilizando dessa linguagem de fácil acesso, bem como se apropria de algumas situações e aspectos para conquistar a audiência, uma vez que o meio ainda é uma plataforma de grande investimento publicitário – o primeiro semestre de 2019 contabilizou 7.348 anunciantes em todo o país, com destaque para os setores de supermercados, educação escolar e universitária, e saúde.

Ainda segundo eles, a audiência não é vítima dessa construção midiática, mas, de certa forma, é um cúmplice passivo de um *ethos* a qual foi acostumada. Há, nesse viés, um pacto simbólico entre a emissora e seu público, que aceita determinado conteúdo por ter, em troca, uma comunicação baseada em informações de fácil divertimento e compreensão e que atendem ao que ele espera.

Eles apontam que esse mercado é voltado para a manutenção de públicos classificados como C, D e E, culturalmente mais comprometidos com a oralidade. E esse apelo ao grotesco com finalidade comercial traz uma visão caricata de um fragmento do brasileiro, ao incentivar o riso do sofrimento, miséria ou característica “defeituosa” do outro, e implica uma exploração da indiferença humana.

A fácil possibilidade de assimilação, identificação e decodificação da mensagem lançada costuma funcionar industrialmente, além de gerar a disputa pela audiência, porque “Tudo o que prende e atrai o olhar, seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita, tem potencial para ser notícia” (AMARAL, 2006, p. 5).

Sobre as espécies do grotesco, que podem ser associadas a algum produto midiático nos veículos de comunicação, Sodré e Paiva (2002) categorizam quatro:

1. Escatológico: Baseado em referências a dejetos, fluidos do corpo, secreções, genitália humana, entre outros.
2. Teratológico: Referente a deformações físicas no homem, aberrações, animalismos e bestialismos.
3. Chocante: Presente nas duas anteriores, pode ter caráter sensacionalista e busca provocar um choque contemplativo.

4. Crítico: Expõe de modo risível o que se senta ocultar no que se refere ao caráter cognitivo, como a ideia por trás do objeto, e se pretende alcançar para além do sensorial.

Tais espécies conferem significado individual, mas coexistem entre si, sendo muito comum que um objeto apresente, ao ser destrinchado conceitualmente, características de mais de uma espécie.

Assim, o grotesco pode ser utilizado para provocar o riso, bem como para zombar, humilhar e rebaixar alguém, estando, ou não, associado ao humor, e essa categoria é muito utilizada para captar uma audiência massiva em diversos meios de comunicação.

3.4 Humor no Rádio Brasileiro

As categorias do humor marcaram presença desde os primeiros anos do Rádio Brasileiro, em sua forma de crítica e de contestação aos modelos vigentes. Na década 20, quando o meio ainda não tinha constituído uma ampla presença no cotidiano da população, Cornélio Pires lançou o “Cavando Votos”, carregado de crítica e sátira política.

Na década seguinte, surgiram os primeiros programas exclusivamente humorísticos, tais como “Manezinho e Quintanilha”, quando dois atores interpretavam personagens com falas que geravam anedotas e o “Zé Fidélis” – “o inimigo número um da tristeza”, que parodiava um homem português. “Cenas Escolares”, do final da década, também consistia na interpretação de um personagem. O “Manduca”, do radialista Renato Murce, era um garoto problema que aprontava diversas confusões em sala de aula e despertou a inquietação de pais e educadores, levando-o a ser vetado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas.

Em seu livro *Bastidores do rádio*, Murce (1976, p. 61 apud SALVADORI, 2010, p. 187) descreve o programa como uma “escola bagunçada”, cujos alunos eram indisciplinados e travessos.

O programa era o mais hilariante possível. Provocou uma onda enorme entre os ouvintes. A maioria gostava. Uma minoria, onde se incluíam as verdadeiras ‘Tetecas’, sem força moral junto a seus alunos, deu de protestar. Dirigiram-se à Associação dos Pais de Família. Pediam sua intervenção para a retirada do programa do ar. Foram ao DIP. No dia seguinte, recebíamos

aviso de que ‘Cenas Escolares’ estavam proibidas. Obedecemos. Comunicamos, pelo microfone, o fato aos nossos ouvintes. Recebemos mais de mil cartas e telegramas. Além de inúmeros telefonemas de protesto. (MURCE, 1976, p. 61 apud SALVADORI, 2010, p. 187)

Para não tirar o programa do ar, Murce fez algumas alterações e adaptações no roteiro – a escola pública se transformou na casa de uma professora aposentada. O quadro passou foi renomeado para “Piadas de Manduca”, que se manteve no ar durante 25 anos seguindo o contexto escolar, proposta que foi censurada durante o Estado Novo. O modelo e ideia de Murce foi o pontapé para programas como “Escolinha do Professor Raimundo” e “Escolinha do Golias”, e segue sendo utilizado por humoristas da mídia brasileira.

A partir de esquetes rápidas que reuniam a interpretação de dois a três personagens, o quadro era uma maneira de chamar a atenção do público com pitadas de radioteatro e proporcionar boas gargalhadas àqueles que sintonizassem na Rádio Nacional nas noites de domingo.

As atrações de entretenimento no meio se mantiveram durante a década de 40, e a veiculação dos programas de notícias também se fortaleceu, especialmente durante o período da Segunda Guerra Mundial, até a partir da metade de 1950, quando a televisão ganhou força no país.

3.5 Lauro Borges, o primeiro “gago” do rádio brasileiro

Nesse formato, surge um personagem gago interpretado por Lauro Borges: O Sr. Alcebíades. No YouTube, é possível encontrar um vídeo de 4m20s cujo personagem aparece. Fica claro que o humor que permeia o personagem é baseado exclusivamente no fato dele ser gago. O professor da escola, Doutor Leão, interpretado pelo próprio Murce, pede para que Sr. Alcebíades conjugue o verbo “argumentar”. O personagem começa a falar e a gaguejar, o que leva a plateia, que acompanhava de perto a exibição do programa, ao riso. Em seguida, o professor pede para o personagem gago parar, pois “argumentando assim o senhor não convence ninguém”, ressaltando o descrédito na fala do indivíduo gago. O uso desse personagem é, provavelmente, uma das primeiras apropriações da gagueira pelo humor no rádio brasileiro.

Depois de sair da Rádio Nacional, Lauro continuou a dar voz a um personagem gago no programa “PRK-30”, da Rádio Rádio Mayrink Veiga, considerado um dos

maiores expoentes do humor radiofônico. O PRK-30 estreou em outubro de 1944 como uma espécie de 'rádio dentro da rádio', em que junto ao colega Castro Barbosa, Lauro se revezava apresentando grandes nomes da música, anunciando patrocinadores e encarnando figuras hilariantes para divertir milhões de brasileiros.

O programa “Todas as Vozes”, da Rádio MEC, com apresentação do jornalista Marco Aurélio Carvalho, comenta num episódio, exibido em 18 de junho de 2015, uma das sátiras realizadas no programa dos anos 1950. O quadro do programa foi chamado de “Os gagos”, junção de três edições: uma de 2 de novembro de 1958, outra de 11 de agosto de 1953, e a última de 3 de março de 1953. No episódio, Marco antecipa que

Não dá pra esperar politicamente correto, eles brincam, zoam com a gagueira, o que hoje em dia seria altamente discutível. Mas vamos pensar naquele momento, o que chamamos na academia de recorte antropológico. (CARVALHO, 2015, RÁDIO MEC)

Quadro 3 -Trecho do quadro “Os gagos”, exibido no programa PRK-30 em meados da década de 1950

Castro Barbosa (Apresentador)	“Prosseguindo com nosso programa de calouros que falam depressa, aqui está o senhor... Como é seu o nome, senhor?”
Lauro Borges (personagem gago)	“É ja-ja... é ja-ja...”
Apresentador	“O senhor que é o já já?”
Personagem gago	“Qu-qu-que já já?”
Apresentador	“Eu sei lá, aquele jogador do Santos não é, que eu conheço”
Personagem gago	“Eu t-t-to-tô dizendo que ja-ja ja-ja já eu vou dizer o meu nome”
Apresentador	“Ah, já vai dizer? “
Personagem gago	“É, senhor”
Apresentador	“E qual é o nome?”
Personagem gago	“É fa-fi-fa, é fa-fi-fa... fafifa...”

Apresentador	“Fafifa? ”
Personagem gago	“Não, pe-pe-pera aí, é fa-fi-fa fa-fi-fa...É F-f-faustino... É Faustino!”
Apresentador	“É Fafifa Faustino, só, num é? ”
Personagem gago	“Não, so-so-só não, te-te-te-te-tem o sobrenome!”
Apresentador	“(Risos) Deus que me dê paciência! Como é o seu sobrenomezinho, meu filho, como é?”
Personagem gago	“É fa-fa-fi-fifa”
Apresentador	“Fafifa...”
Personagem gago	“É fa...fafifa não... é F-f-Faustino... F-afifa... Figueiredo!”
Apresentador	“Faustino Fafifa Figueiredo! ”
Personagem gago	“Fafifa não! F-f-faustino figueiredo só!”

Fonte: Arquivo do programa Todas as Vozes, da Rádio MEC (<https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-06/politicamente-incorreto-prk-30-satirizou-calouro-gago>)

Tendo em vista que muito do conteúdo humorístico da televisão teve seu formato antecedido pelo Rádio, Damasceno e Nishizawa (1999) fazem um apontamento sobre as maneiras de propagação humorísticas nesses meios, que têm uma influência recíproca, e cita os gogos, enquanto grupo social, como um dos muitos grupos satirizados de forma negativa no espaço midiático.

Os programas humorísticos também vivem da ridicularização dos homossexuais, dos pobres, das feministas, dos negros, dos subalternos, das minorias estrangeiras, dos velhos, das mães solteiras, das prostitutas, dos gordos, dos frágeis, dos desempregados, dos aposentados, dos deficientes, dos cegos, surdos e gogos, dos judeus e de tantos outros grupos marginalizados, tidos como grupos de projeção de situações ridículas e humilhantes. (DAMASCENO; NISHIZAWA, 1999, p. 3)

O argumento do autor, quando afirma que os programas de humor utilizam gogos em situações ridículas e humilhantes, se sustenta desde os personagens de Lauro

Borges, em meados dos anos 50, até o Zé Oliveira, que continua em atividade no ano de 2020.

3.6 Humor e análise do quadro do Zé Oliveira

Os artifícios humorísticos no quadro de Zé Oliveira são muitos, e, mesmo que possam passar despercebidos pelos ouvintes, contribuem para toda a construção caricata do radialista. Eles são pautados desde a abertura, mas a construção relacionando a gagueira com humor não para por aí. O quadro do radialista, que tem em média 15 minutos de duração, consiste em basicamente três etapas: divulgação de empresas e comércios locais, resposta aos ouvintes, e leitura de notícias futebolísticas e de outros esportes. A construção do humor e incentivo ao riso no quadro se dá através de diversos significantes, como o grotesco que

[...] se sobressai, invade o dia a dia dos ouvintes e, mais que isso, passa a fazer parte de seu cotidiano e de sua reconstrução de mundo a partir das sugestões dadas pelo produtor e emissor do conteúdo noticioso. Enquanto dispositivo estruturador de sentido, a emissora atua na percepção do mundo de seus ouvintes (PORTARI, 2015, p. 10).

Durante grande parte do quadro, há um som constante no fundo, com um homem falando “Ha ha ha” e uma trilha sonora animada e repetitiva. Nos três dias de programação analisados, foi observado que, em muitos trechos, a fala do Zé Oliveira é incompreensível. A maior parte dos pouco mais de dez minutos do quadro do radialista é utilizada para fazer a divulgação de comércios locais e interagir com áudios enviados pelos ouvintes. Em muitos deles, há demonstração de carinho e aproximação com a figura do Zé, pois sempre pedem “abraços” ou um “alô”, seja para o ouvinte em si ou para algum conhecido ou familiar.

Além das associações humorísticas à gagueira, que são o objeto de estudo deste TCC, também foram notadas outras formas de humor, como o humor sobre os estereótipos de homossexuais – exploração da imagem do sujeito afeminado, com voz aguda, delicada e sexual -, além também como a sugestão sexual quando ouvintes do gênero feminino participam por meio dos áudios enviados que são colocados durante o quadro, para o Zé responder.

Essa participação dos ouvintes no quadro provavelmente se dá por meio do *WhatsApp*, tendo em vista que a interação dos ouvintes não é ao vivo. Sobre esse canal específico com os ouvintes, Prata (2008) afirma que:

Na migração para a web, muitas emissoras agregam novas ferramentas, como seções específicas para contato com o usuário. Também aparecem campos próprios para anunciantes, enquete, disponibilização de conteúdo de todo tipo, cadastro para pedidos de músicas on-line e também as promoções, ponto forte de boa parte das emissoras de rádio. (PRATA, 2008, p. 6)

Isso é notável na rádio 96 FM, que, assim como tantas outras do país, mantém um perfil no *Instagram* que serve para a divulgação da programação e canal de contato com os ouvintes, integrando, dessa maneira, a evolução das formas de interação no ambiente cibernético.

Quadro 4 – Fragmentos do quadro do programa de 18/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
“Grande Arerê-Arerê-Arerê-Arê-Arê-Aremilton!”	Gagueira (repetição silábica) acompanhada de efeitos sonoros de riso	Riso de zombaria
“Abraço aí pro meu amigo caminhoneiro Rei-rei-rei-rei-rei-rei-re-re-rei-re-re-re-Ele parece que namora há incompreensível-rei-re-rei-rei-reiiiizinho”	Gagueira (repetição silábica e fala incompreensível) acompanhada de uma buzina de fundo com alguém gritando “Diga!”	Humor sobre a gagueira. Pressão para o disfluente falar logo
“Pelo menos saiu, graças a deus”	Menção do Zé Oliveira à gagueira	Riso de si próprio
Ouvinte: “Já tô indo pra Lima no Peru, bora? Tô indo de moto.”	Voz masculina afeminada imitando supostos trejeitos de um homem possivelmente homossexual	Humor grotesco escatológica, associando o peru ao membro genital masculino
“Um abraço também pro nosso querido Ciço Gato [...]”	Miado de um gato ao fundo	Humor grotesco
“Abraço a Dona Quitéria lá no tradicional cachorro-quente, de pão francês com quitute, é-é-é-é-é-é...”	Efeito sonoro: Uma buzina de fundo e alguém grita “Diga!”	Humor sobre a gagueira. Pressão para o disfluente falar logo
“quarto lugar <i>incompreensível</i> ,	Efeito sonoro: Criança rindo e	Humor sobre a gagueira e dicção

quinto lugar Antonio Giovanizi, sexto lugar Daniel Jiaciado, sétimo lugar Levi Hamilton, oitavo lugar Lanz <i>incompreensível...</i>	dizendo “Eu não entendi nada, não entendi nada!”	do radialista ao pronunciar palavras estrangeiras
“Pa-pa-pa-paraná zero”.	Efeito sonoro de uma paulada	Humor sobre a onomatopeia que a gagueira do radialista provoca
“Cu-cu-cu-cuiabá também zero.”	Efeito Sonoro: “Uêpa!”	Humor grotesco sobre o termo pejorativo que a gagueira do radialista provoca ao formar a palavra “Cuiabá”. Humor grotesco escatológico.

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Quadro 5 – Fragmentos do quadro do programa de 20/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
“Assistência técnica e-e-em-em-ar-condicionado [...]”	Efeito sonoro: Bora, bora, bora, ligeiro!	Pressão para o radialista disfluir falar logo. Humor sobre a gagueira.
Efeito sonoro: Homem imitando voz estereotipada de um sujeito homossexual falando “Só bebo cerveja!”	Estereótipo do homem homossexual	Humor de zombaria
Ouvinte: Você gagueja demais, homi! Sinceramente, homi!	Crítica do ouvinte à gagueira do radialista	Humor de zombaria e correção à fala disfluir
Ouvinte: [...] Oh, Zé Oliveira, mande um alô aí pro meu cunhado Antonio das Cabra, lá no povoado Oiteiro Alto, de Olho D’água! Muito obrigado!	Efeito sonoro: Cabras berrando	Humor grotesco em referência ao nome “Antonio das Cabra”.
[...] torcedores do Flamengo vem com-com-com-com vem com-com	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluir falar logo. Humor sobre a gagueira.
[...] Vem convocando pelas redes sociais os mais a-pa-pa a-	Efeito sonoro: Homem falando	Humor causado pela expressão de frustração promovida pelo efeito sonoro em apontamento à

pa-pa a-pa”	“Vixe, maria!”	gagueira do radialista
“É a Cuma-Cuma-Cuma-com-com-acompanhando até o [...]”	Efeito sonoro: Homem falando “Vixe, maria!”	Humor causado pela expressão de frustração promovida pelo efeito sonoro em apontamento à gagueira do radialista
“Até o aero-ro-aero-ro-aero-ro aeroporto do [...]”	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
“A primeira aglu-glu-glu aglu-glu-glu a-glu-glu agluagluagluagluaglu [...]”	Efeito sonoro: Homem imitando um peru e fazendo “glugluglu!”	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“Aglome-me-me-me Aglomeração”	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”	Pressão para o radialista disfluyente falar logo. Humor sobre a gagueira.
“É-é-é-é-é se iniciará”	Efeito sonoro: Sons de corvos e galos cacarejando	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“Leilão, e-e-e Sandro Olívio e-e-e-e Banda”.	Efeito sonoro: Sons de corvos	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“[...] com o telefone é-é-é-é três cinco dois dois dez vinte ou então nove nove quatro oito sete sete zero cinco”.	Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes	Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Quadro 6 – Fragmentos do programa de 21/11/2019 que associam gagueira e tipos de humor

Trecho	Conteúdo	Categoria
--------	----------	-----------

Ouvinte: Tô com uma crise de barriga da mulestia, Acho que perdi uns dois quilo ou três já.	Efeito sonoro: Risadas Efeito sonoro: Som de pum	Humor grotesco escatológico, referindo-se a dejetos do corpo humano
Colega de estúdio: Eu ganhei, joguei no veado e ganhei. “A Fabiana jogou no veado e ganhou, oia”.	Efeito sonoro: Homem falando “Ai, pai, para!” com voz estereotipada	Humor de zombaria sobre o estereótipo de homem homossexual, associando-o a um animal e imitando seu possível trejeito
Pois é, o Sport tá de volta ali do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu....	Efeito sonoro: Homem falando “Diga!” Efeito sonoro: Criança falando “otário”	Humor de zombaria sobre a fala gaga e pressão para o sujeito gago concluir sua fala
“O re-re, o re-re, o resultado garantiu, mateticamente, o acesso da equipe pernambuca a-a-a-a série A, o ru-ru-ru-rubro [...]”	Efeito sonoro: Pessoas se lamentando	Humor baseado na frustração que o ouvinte tem ao se deparar com a fala gaga
“[...] chegando a sessenta e sete pontos de cla-cla de classificação os pe-pe-, os pe-pe, os pe-pe...”	Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes	Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista
“[...] Au-au-au-au”	Efeito sonoro: Cachorro latindo	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
“Abraço aí a Dona Maura, lá no sítio cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, Caititus”.	Efeito sonoro: Criança falando “otário” Zé Oliveira: É você, triste! (em menção ao efeito)	Humor de zombaria sobre a gagueira do radialista Resposta do radialista à correção do efeito sonoro sobre sua fala

“[...] número quatrocentos e catorze aqui em Arara, em Arara, em Arapiraca”.	Efeito sonoro: Sons de corvos	Humor grotesco, imitação de um animal através do efeito sonoro, que faz referência à onomatopeia causada pela gagueira do radialista
Efeito sonoro: Mulher falando “Aí ele disse que é gay, botou na cabeça que é gay, porque é gay”	“Ói, o Heraldo num é gay em canto nenhum. Heraldo tá louco pra arrumar uma mulher, Heraldo quer casar e quer viver direitinho. É trabalhador, inteligente e um homem de bem”.	Humor de zombaria causado pela sugestão que o sujeito seria gay
“Abraço aí pro nosso querido César Shalon”. “Oxe, que isso, rapaz, foi não!”	Efeito sonoro: Mulher falando como no antivírus de computador “Uma bicha foi detectada”	Humor de zombaria causado pela sugestão que o sujeito seria gay. Associa homossexualidade a um vírus e o efeito à voz utilizada no aplicativo de antivírus do computador
Efeito sonoro: homem falando desesperadamente “Acaba, pelo amor de Deus, acaba!”	Zé Oliveira canta “Caneta azul, azul caneta”	Humor de zombaria causado pelo fato de o radialista estar cantando, e, provavelmente, não ser um bom cantor

Fonte: Arquivo da rádio 96 FM Arapiraca

Ao longo da análise do corpus, que consistiu na decupagem de três dias do quadro do radialista Zé Oliveira no programa Show de Notícias, nos dias 18, 20 e 21 de novembro de 2019, totalizando 44 minutos e 22 segundos de quadro. A análise teve o objetivo de encontrar as associações humorísticas entre gagueira, grotesco, a presença do riso e de que forma essa construção se dá durante o quadro. O humor sobre a gagueira do radialista ocorre, na maioria das vezes observadas, junto à colocação de efeitos sonoros que dão o sentido cômico à gagueira, uma vez que o Rádio se baseia nessa associação com o imaginário do ouvinte. Em muitos casos, há uma associação grotesca (SODRÉ E PAIVA, 2002) com os sons que a fala gaga provoca a animais. Foram coletados, portanto, registros de associações da gagueira a animais como cachorros, galos, corvos e cabras, além da associação da sílaba “pa” à onomatopeia de uma paulada.

Nessa relação entre gagueira e comicidade, criada pela narrativa, o ouvinte passa a compreender o transtorno de forma simplória e jocosa. Oliveira e Freitas (2013) apontam que o rádio viabiliza ainda mais esse tipo de interpretação:

Diferentemente de outros veículos de comunicação massiva, o rádio tem na oralidade seu único suporte para a emissão de conteúdo midiático. Dessa forma, o ouvinte além de receptor é também coautor das mensagens emitidas, criando em seu imaginário a representação (simbólica) daquilo que ouve e que interpreta de acordo com suas experiências pessoais. (OLIVEIRA; FREITAS, 2013)

Com relação aos sintomas da gagueira do radialista, outra abordagem comum encontrada durante a análise foram as formas de apressar o sujeito gago, que é um dos principais relatos da vivência de quem gagueja. Num dos registros, um dos áudios de ouvintes utilizados para a interação com o Zé Oliveira fala que ele “gagueja demais, homi!”. A expressão “homi” é aqui utilizada como uma interjeição que exprime frustração, ou seja, frustração, em tom de brincadeira, com a fala do radialista gago.

Assim como essa pressão para a fala do gago ser exposta logo, alguns efeitos colocados durante os trechos de gagueira do radialista tecem uma crítica direta a ele, como o chamam de “otário”, na voz de uma criança, o que reitera o tom humorístico, ou há expressões do tipo “Vixe, maria!”, “Diga!”, “Bora, bora, ligeiro!” e efeitos de pessoas fazendo um som frustrado quando Zé gagueja. Expressões como essas também são comumente ouvidas pelo indivíduo gago e mostram um possível incômodo que o interlocutor tem quando se comunica com o disfluente, e que contribui para a sua imagem de “mau falante”.

Outros recursos para provocar o riso são a humilhação e o rebaixamento à figura homossexual masculina, por meio de um discurso que dialoga com o grotesco. Num dos fragmentos, há a relação de “apostar no veado” no jogo do bicho, o que gera a piada entre o Zé e uma colega de estúdio. Noutros dois fragmentados, há o repúdio à homossexualidade por meio da sugestão de que um indivíduo fosse gay, o que gera a negação imediata do radialista, como se, caso ele fosse, tal característica seria negativa. Isso é corroborado no fim do quadro do mesmo dia, quando, na citação ao mesmo indivíduo, surge um efeito sonoro humorístico falando que “uma bicha foi detectada”, comparado a “bicha” com um vírus. Outro trecho é a menção ao meme da internet “Ai pai, para!”. Em dois dos três dias de quadro analisados, também foram encontrados outros fragmentos do quadro destinados a fazer um estereótipo do sujeito homossexual, por meio dos trejeitos presentes na voz.

Esses trechos não têm uma relação direta com a gagueira do radialista, mas reforçam a presença do riso de zombaria no quadro, que, além de ser direcionado ao radialista gago, também utiliza piadas de cunho pejorativos sobre orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a gagueira é um dos muitos artifícios utilizados pelo homem para fazer humor. Por ser um transtorno que afeta, entre outros aspectos, a dicção do sujeito, a gagueira é visível e dificilmente passará despercebida diante do receptor da mensagem. Além disso, a gagueira também vai na contramão do que é considerado o “falar bem” ou “um bom discurso”, aquele que gera empatia, respeito e admiração do receptor da mensagem. Esses fatores reforçam os prejuízos causados àqueles que dela sofrem.

A imagem que o transtorno tem diante da sociedade, enquanto uma característica engraçada, é refletida, apropriada e reforçada pelos meios de comunicação. São diversos os exemplos de personagens ou personalidades gagas tratados com uma abordagem caricata e estereotipada do que é ser gago. O transtorno da fala acaba por ser a principal característica do sujeito quando ele é exposto nesses meios, seja em programas de televisão, sites de notícias e no Rádio. Assim, fica claro que a associação da gagueira ao humor não é uma especificidade de determinado veículo de comunicação, e sim um tratamento predominante nos meios de comunicação brasileiros há décadas.

No Rádio, meio principal da pesquisa, o TCC observou que essa fórmula é utilizada desde suas primeiras décadas e predomina até então. Por isso, nota-se que associar a gagueira ao humor, e, conseqüentemente, colocar esse grupo social num tratamento cômico e por vezes humilhante, acaba angariando e mantendo a audiência, que permanece fiel e se entretém com essa abordagem. As rádios, como qualquer veículo de comunicação, precisam de capital para continuar ativas, e recorrem ao humor – também sempre presente na história dos meios de comunicação -, como uma das maneiras de divertir o público.

A construção do trabalho mostra que o rir de algo ou alguém tem a ver, entre outras situações, com uma questão de sociabilidade entre os pares que riem e a negação/correção a algum aspecto do objeto risível. O riso, historicamente, já foi associado a um ato maldoso e teóricos apontam que ele também pode ser fruto de uma tentativa de humilhação e zombaria, mas também como um meio de se aproximar do interlocutor.

Esse é o caso do radialista Zé Oliveira, de Arapiraca. A pesquisa concluiu que a participação dele no programa Show de Notícias, da rádio 96 FM Arapiraca, traz

consigo diversos aspectos cômicos aliando gagueira e humor. Há uma construção que utiliza as características radiofônicas, como os efeitos sonoros, a interação dos ouvintes e a voz do locutor, para reforçar a abordagem cômica da gagueira e, daí, provocar o riso no ouvinte.

Essa estrutura faz com que o Zé Oliveira tenha se tornado um personagem destaque dentre o quadro de locutores da rádio, pois ele é uma figura única e curiosa para estar inserida no espaço Rádio – um meio marcado por padrões de oralidade já concretos e sustentados ao longo das décadas e que alia diversos elementos sonoros para construir sentidos junto ao ouvinte. A gagueira do radialista é curiosa, chama atenção, desperta o controverso e gera um sentimento de diversão e vínculo com a audiência, todos esses aspectos acompanhados dos recursos utilizados durante seu quadro.

Diante disso, o TCC observou que a audiência é cativada pela figura do Zé Oliveira, pois há uma grande interação dos ouvintes no próprio quadro, bem como no perfil da rádio no Instagram. Essa interação, sem dúvida, garante bons frutos para a rádio, pois há muitos anos mantém esse radialista “inesperado” à frente do microfone. Não é à toa que o radialista gago é uma figura carimbada do município e se mantém firme nesse espaço da programação local há anos.

Assim, a pesquisa nota um ciclo que justifica a presença do radialista gago, entre outras manifestações da gagueira “humorística” na mídia. Por precisar cativar a audiência, esse meio recorre às manifestações de humor, sendo a gagueira uma delas, visto que o transtorno é culturalmente tido como “engraçado”, logo há um paralelo entre o que a audiência acredita e quer receber, com o que os meios de comunicação entregam. O público gosta e aprova a mensagem e o mecanismo de comunicação construído, manifestando sua resposta positiva ao veículo por meio da audiência e engajamento nas redes sociais, que continua utilizando e repetindo a fórmula.

Os veículos de comunicação, como a rádio 96 FM Arapiraca, acabam ignorando um ideal papel social da comunicação para uma possível conscientização sobre o transtorno, visto que grande parte do sofrimento e dificuldades vivenciadas pelo sujeito gago tem a ver com a resposta de outras pessoas (sociedade) à gagueira. Como apontado no trabalho, o riso se dá também por conta de aspectos que dialogam com uma insensibilidade pelo objeto risível, e é aparente que a grande maioria dos meios de comunicação, por conta um *ethos* editorial, não se atentam em utilizar abordagens didáticas, esclarecedoras e que promovam o conhecimento e discussão sobre a gagueira

e os padrões de fala. Isso se traduz na forma com que o transtorno tem sido reconhecido socialmente e culturalmente por décadas.

Tendo em vista as relações entre meios de comunicação, gagueira, humor, e as problemáticas sobre os discursos explicitados, o diagnóstico é de que os meios de comunicação auxiliam na perpetuação dessa imagem, e não utilizam seu alcance para modificar esse imaginário público. Pelo contrário, atuam como perpetuadores desse tratamento, fomentando a maneira rasa com que o tratamento é apresentado e utilizando formas de humor e riso sobre o sujeito.

REFERÊNCIAS

7 SEGUNDOS. **Rádio 96 FM completa 40 anos como líder de audiência.** Disponível em: <<https://maceio.7segundos.com.br/noticias/2019/09/07/148657/radio-96-fm-completa-40-anos-como-lider-de-audiencia.html>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

ALAGOAS 24 HORAS. **Show de Notícias comemora um ano na Rádio 96 FM.** Disponível em: <<https://www.alagoas24horas.com.br/805223/show-de-noticias-comemora-um-ano-na-radio-96-fm-arapiraca>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso.** 2008. 212 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102407>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história pensamento.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Coleção antropologia social).

AMARAL, M. F. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 6 a 9 set. 2006.

ANDRADE, Claudia Regina Furquim de et al. **Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente.** Pró-Fono R. Atual. Cient., Barueri, v. 20, n. 4, p. 219-224, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 dez. 2019.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves et al. **A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva** (Atypical language and silence in aphasia and stuttering: a discursive analysis). **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 37-54, mar. 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5312>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. **“A gagueira na perspectiva lingüístico-discursiva: um olhar sobre a terapia”**. 2006. Tese de doutorado (Doutorado em Letras e Lingüística) – Universidade Federal da Paraíba.

BAITELLO JR., Norval. **A cultura do Ouvir**. In: BAITELLO Jr., N. A era da iconofagia. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014, p.133-146. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/CULTURA-DO-OUVIR.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAUMWORCEL, A., BAUM, A . **Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2005. v. 1. p. 1.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofonico**. Madri: Cátedra, 1994.

BERGSON, Henri. **O Riso “Ensaio sobre a significação do cômico”**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1983.

BRIGLIA, T. **Os limites entre jornalismo e entretenimento**. 2015. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/ed844-os-limites-entre-jornalismo-e-entretenimento/>> Acesso em: 22 de jun. 2020.

CARNEIRO, Célia R. **Dos efeitos da gagueira** / Célia Regina Carneiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

CARNEIRO, Célia R. **Gagueira e o efeito dessa fala**. Campinas: Anais do seta. 2008; 2: 111-5

CAROS OUVINTES. **Zé Fidélis – Um dos pioneiros do humor radiofônico brasileiro.** Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/ze-fidelis-um-dos-pioneiros-do-humor-radiofonico-brasileiro/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CÉSAR, CYRO. **Como falar no rádio: Prática de Locução AM e FM.** São Paulo: Summus, 2009.

DANTAS, Daniel; GOMES, Adriano Lopes. **A produção de sentidos na construção do imaginário através da experiência estética do rádio.** Revista: Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, ano 7, n.1, 2010.

DAMACENO, Elaine Regiane; NISHIZAWA, Lia Kaori. **Humor no rádio brasileiro.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 22., 1999, Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 1999.

EBC. **Ouçã o último episódio do especial sobre os humorísticos da Rádio Nacional.** Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/memoria-nacional/2018/01/ouca-o-ultimo-episodio-do-especial-sobre-os-humoristicos-da-radio-nacional>. Acesso em: 10 jan. 2020.

EBC. **Politicamente incorreto? PRK-30 satirizou calouro gago.** Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-06/politicamente-incorreto-prk-30-satirizou-calouro-gago>. Acesso em: 8 jun. 2020.

EXTRACLASSE. **O grotesco impera.** Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2002/06/o-grotesco-impera/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FREIRE, Regina Maria; PASSOS, Maria Cristina Pascalicchio. **Gagueira: uma questão discursiva.** Trab. linguista. apl., Campinas, v. 51, n. 1, p. 153-173, junho de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000100100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FRIEDMAN, Silvia. **Gagueira e subjetividade.** Distúrbios da Comunicação, [S.l.], v. 10, n. 1, set. 2012. ISSN 2176-2724. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11542/23719>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

FRIEDMAN, S. **Gagueira: origem e tratamento**. São Paulo: Summus, 1986.

FRIEDMAN, Sílvia. **A construção do personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1994. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira.

GAIA, Rossana (Org.). **IZP: comunicação a serviço do cidadão**. Maceió: IZP, 2005. v. 1. 113p.

GOMES, Adriano Lopes. **O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte**. Covilhã, Portugal: BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-radio-experiencia-estetica.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020

HISTÓRIA DE ALAGOAS. **A História do Rádio em Alagoas**. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-historia-do-radio-em-alagoas.html>. Acesso em: 28 dez. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLUÊNCIA. **Nota de Repúdio do CFFa**. Disponível em: <https://gagueira.org.br/releases/nota-de-repudio-do-cffa>. Acesso em: 4 jun. 2020.

ISTOÉ. **Cura de gagueira após violência em novela da Globo gera crítica de especialistas**. Disponível em: <https://istoe.com.br/cura-de-gagueira-apos-violencia-em-novela-da-globo-gera-critica-de-especialistas/>. Acesso em: 6 jun. 2020.

LESSA, Bernardo. **Problemáticas Representações da Gagueira no Cinema**. In. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017, Fortaleza. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0869-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020

LIMA JÚNIOR, Mácio Paulo Amaral de; PADILHA, Isabella Maria Cavalcante. O Humor Grotesco Presente Nos Vídeos de “Pegadinhas” no YouTube. In: XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1146-2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MACIEL, Thamiris Moreira; CELESTE, Letícia Corrêa; MARTINS-REIS, Vanessa de Oliveira. **Gagueira infantil: subsídios para pediatras e profissionais de saúde**. Rev. Médica de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/222> . Acesso em: 25 dez. 2019.

MACHLINE, Vera Cecília. **Como o riso era concebido no século XVI**. Trans/Form/Ação, Marília, v.21-22, n.1, p.11-19, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131731999000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2020

MANDUCA, Piadas do. Mozart – Rádio Nacional – **Piadas do Manduca** - Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZGBiJ9awia0&t=153s%20>>. Acesso em: 10 jan. 2020. 00:04:20

MERCON, Suzana Maria de Amarante; NEMR, Katia. **Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos**. Rev. CEFAC, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 174-179, 2007 . Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v9n2/a05v9n2.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MERLO, S. **Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2006.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MINUTO ARAPIRACA. **Zé Oliveira: o gago mais simpático do rádio arapiraquense**. Disponível em: <<https://minutoarapiraca.cadaminuto.com.br/noticia/9193/2012/12/24/ze-oliveira-o-gago-mais-simpatico-do-radio-arapiraquense#>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.

OLIVEIRA, Mirian Santos de; FREITAS, Antonio Francisco R. de. **A Estética do Grotesco Presente no Quadro Radiofônico “Pegadinha do Mução”**. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste –, 15., 2013, Mossoró.

PESSOA, Marina Torres. **A relação entre ouvintes assíduos e o rádio: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva**. 95f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2010

PORTARI, Rodrigo. **A presença do grotesco nas notícias de rádio um estudo de caso do programa Raio-X**. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande.

PRATA, Nair. **Webrádio: Novos gêneros, novas formas de interação**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: INTERCOM, 2008. v. 1. p. 1.

PROPP, Vladimir. **Comichidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RIBEIRO, José Wagner. FERRO, Ricardo José Oliveira. **Resgate Histórico da Rádio Difusora de Alagoas**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2913-1.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

RIBEIRO, Lucas Pires. **Do Riso Demoníaco ao Riso Religioso na Idade Média**. ESCRITAS: REVISTA DO CURSO DE HISTÓRIA DE ARAGUAÍNA, v. 1, p. 211-230, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/4919/14334>>. Acesso em 20 dez. 2019

RIBEIRO, Raquel de Paula. **O Riso Irônico e o Grotesco no Discurso Publicitário**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO 27 a 29 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0351-1.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2020

SALVADORI, M. A. B. **Sonoras cenas escolares: histórias sobre educação, rádio e humor.** Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 24, p. 167-191, set./dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38521>. Acesso em: 8 jun. 2020

SET. ORG. **Levantamento do Kantar Ibope aponta de 91% dos brasileiros ouvem rádio.** Disponível em: <http://www.set.org.br/set-news/levantamento-do-kantar-ibope-aponta-que-91-dos-brasileiros-ouvem-radio/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

SILVA, Micaela Bastos. **Gagueira infantil e processo terapêutico: uma revisão da literatura brasileira.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26624>. Acesso em: 28 dez. 2019.

SILVA, Rafaella Correia e. MORAIS, Wilma Peregrino de. **Representação do Gago da Telenovela: Humor e Estereótipos.** In. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, 2012, Teresina. Disponível em <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/>. Acesso em: 18 de out. 2018.

TELEVISÃO UOL. **Gagos da TV Brasileira.** Disponível em: http://televisao.uol.com.br/album/gagos-da-tv-brasileira_album.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 6 jun. 2020.

VERRONE, Alessandro Bender. **Uma abordagem cognitiva do riso.** 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

APÊNDICE A – DECUPAGEM DO QUADRO DO ZÉ OLIVEIRA NO PROGRAMA SHOW DE NOTÍCIAS DO DIA 18/11/2019 – 13m43s

Vinheta de abertura

0:26 - Zé Oliveira: Bom-Bom-Bom-Bom-É-Bom-Bom dia Isve Cavalcante. Bom dia a todos que faz o show de notícia

Bom dia aí pro meu amigo Igor Pneu lá na Rua São Francisco, no número dez cinqüentinha e um, no Centro de Arapiraca, que é o melhor lugar pra você comprar o seu pneu, é lá no Igor Pneu, tá bem?

Pessoal do Atacadão do Gesso, placa de dois e quarenta, gesso de catorze, cola de cinco, bucha de seis e bloco de seis e cinquenta

Quero mandar um abraço aí no nosso querido Darlan Dareia, passou o final de semana sem beber, graças a deus, ou ele para ou então, meu fio... Se num tiver cuidado, vai-vai-vai pro buraco. Grande empresário Darlan Dareia, gente boa.

Abraço aí no meu amigo Geraldo da-da-da-da-da-da Arteforro na rua Expedicionário Brasileiro com o número nove nove trinta e um meia meia trinta.

No nosso querido Marco Bit *incompreensível*, na rua nossa senhora da Salete.

E o amigo Genilson, Genildo e...e...e...e...e...é...é...lá...lá na Rua 16, ouvindo nosso programa, ele e a sua esposa Dona Ampario.

Meu... é...é...Também o Seu Odalício e o Ed... *incompreensível* na Arcanjo Madeiro

Meu amigo é...é...Rodrigo na lá... lá.... na Laticínio Rodrigo

E também quero mandar um abraço pro meu amigo Gilson Bate... Gilson Baterias na Rua Duque de Caxias com o número nove um oito nove sete sete dois.

E o grande Luiz Bijuteria ali na praça Luiz Pereira Lima, duzentos e trinta e sete, com o telefone três cinco dois dois vinte e cinco quatro dois ou nove meia vinte cinco nove nove nove.

1:57 - Ouvinte: Oh, Zé! Sabe quem é que sempre ouve você, meu amigo? E é seu fã? Nosso amigo subtenente Aremilton, viu, Zé? Ele não perde uma programação da 96!

Zé Oliveira: “Grande Arerê-Arerê-Arerê-Arê-Arê-Aremilton!”

Efeito sonoro de risadas

Abraço ao nosso querido gaúchoo do-do-do mercadinho do gaúcho

E não esqueça se for pra gelar, o lugar certo é gelo *Ca-incompreensível*. Tem ar condicionado automotiva em vidro fumê e higienização automotiva em carroceria com o número nove oito dois cinco zero quatro quatro nove.

E convite olhe, não perca neste sábado, dia 23 de novembro, festa de Santa Luzia, povoado Campo Alegre, Jaramataia, na casa do José Melo, com Novena Leilão e Sandro Oliver, e também banda a... é...a...a...a família Poca agradece a presença de todos

E também ói...ói... quero mandar um abraço pro me- me-me-me meu amigo Orlando, lá no bar do Orlando, promoção de cerveja só no Bar da Sinuca, no bairro Brasília, rua Bela Vista, cerveja de 1 litro, cinco reais. O único bar vinte e quatro horas da cidade é do meu amigo Orlando.

Abraço aí pro meu amigo caminheiro Rei-rei-rei-rei-rei-

Efeito sonoro: Uma buzina de fundo e alguém grita “Diga!”

rei-re-rei-re-re-re-Ele parece que namora há *incompreensível* -rei-rei-rei-rei-reiiiizinho. Pelo menos saiu, graças a Deus (menção à gagueira).

Abraço aí pro meu amigo Tesla na Aranet Telecom, contato nove meia zero cinco meia quatro catorze.

E preço justo conso *incompreensível* e preço justo madeira, o preço mais justo da cidade com o telefone três cinco dois um vinte e cinco zero um. Forro de PVC três e cinquenta o metro na Avenida José Amí *incompreensível* de Lima, no Jardim Esperança

Abraço aí também para o meu amigo... *Interrompido*.

4:06 – Ouvinte: É, mas na moral, Zé! O Flamengo também foi campeão ontem, né, Zé? Já tô indo pra Lima no Peru, bora? Tô indo de moto.

Efeito sonoro de voz de uma mulher: “Num vai não, ele não vai, não!”

Valeu, esse é o Cid Molecote.

Quero mandar um abraço pro meu amigo Franco, o vaguinho. E o meu amigo Coronel, que eles tão virando o fumo e ouvindo nosso programa. Um abraço também pro nosso querido Ciço Gato

Efeito sono de miado de gato no fundo

O Ciço gato que tá afim de casar e afim de arrumar uma *incompreensível* pra casar.

Efeito sonora com voz de uma mulher falando “Num Vai não, ele não vai, não!”

Um abraço aí o grande contador, nosso querido José Jorge d-d-de Lima, também ouvindo o nosso pro-pro, o nosso pro...grama. Muito obrigado pela audiência.

4:40 - Ouvinte. - Bom dia, Zé Oliveira! Manda aí um alô pra mim, eu estou sempre ligadinha no Show de Notícia. Um grande abraço.

Zé Oliveira: Essa é a querida Daniela, passa aí pra ela, gente boa

Ma-Má *incompreensível* na super tech, no shopping popular, em frente ao estacionamento do Zé Negão, no bloco 53, vá lá e conserte seu celular

E o Black Fri...Friday na MaterMilha Informática já começou... é-é-é-é-é-é-é-é multifuncional é-é-é-episson é-ecotack L3110 setecentos e noventa e nove e noventa e nove à vista e muito mais, são muitos produtos para você. Mastermilha Informática está localizada na Rua Expedicionário Brasileiro, vizinho ao antigo posto do loirinho.

5:22 - Ouvinte: Bom dia, Zé! Oh, Zé, tu ainda tá rodando com a tua habilitação atrasada? Tu num me falou num é que tá com três anos que tu num consegue renovar tua habilitação?

Tá não, tá não. Isso aí eu garanto que ela num tá não, viu?

Ói, se seu celular é-é caiu quebrou, vá na central do ai-do ai-do ai-do Iphone ali na Rua Domingos Correia, um nove meia, no Centro de Arapiraca. E um abraço também Bruno Henrique na limpadora de *incompreensível* localiza, com o número nove nove oito um catorze trinta e cinco. Abraço ao nosso querido preciosas top dez lá no bairro cavaco, tudo é dez. Calça, camisa, sutiã e calcinha, tudo mais.

E meu amigo Jeno lá no feirão de carro e moto que funciona de segunda a sexta-feira, com apoio do nosso querido deputado Ricardo Nezinho e vice-governador Luciano

Barbosa. Abraço a Dona Quitéria lá no tradicional cachorro-quente, de pão francês com quitute, é-é-é-é-é-é

Efeito sonoro “Diga!”

lá no Bosque da-das Arapiracas. Com o número nove oito vinte e oito nove oito vinte e oito oito nove meia sete

Efeito sonoro com voz masculina falando “A hora do boi” e mugindo.

6:20 Ouvinte com música de romance brega de fundo: Eita, meu amigo Zé Oliveira! Como tão as coisas, Zé? Oh, Zé, eu tô tão doentinho, zé! Tô rouco, Zé, rouco! Oh, Zé, Agora mudando de assunto, um negocinho que tá caro é roupa né, meu fio?

Zé Oliveira: Ah, roupa tá caro!

Ouvinte: Agora não, sempre teve caro, né?

Zé Oliveira: Mas você compra uma roupa passa um ano, dois.

Ouvinte: Um pedaço de pano, Zé, é cem, cento e cinquenta, cento e oitenta, duzentos. Eu não sei o que vai ser de mim não, esse ano, viu, meu fio? Porque além de comprar roupa pra pombinha e comprar roupa pras mil catarrenta que eu tenho... Vai ser uma despesa da peste, viu Zé? Meu Jesus do céu... óia, sábado mermo, a pombinha foi na rua olhar um vestido e eu fui com ela, que eu não vou deixar ela ir sozinha, né, zé?

Zé Oliveira: É, também não pode, não.

Ouvinte: Entramo em umas vinte loja, entramo em uma, saía, não gostava, uma não sei o quê, não tinha o tamanho dela, outra voltava, era pequeno, a cor num tinha... Negócio pa doido, negócio pa doido no comércio. Aí entrou numa loja lá e gostou do vestido, Zé. Oh, Zé, aqueles vestido todinho que tem bem uns cinquente laço, fecha nas costa de um por um, era até bonito o peste do vestido, o severgonhinho. Aí entrou no provador, Zé, meu fio, não te conto a resenha, aí tinha que entrar alguém pra ajudar ela a fechar o vestido atrás, né? Que ela não alcançava. Aí entrou uma vendedora, não conseguiu, entrou outra, não conseguiu, teve que vim, Zé, o gerente da loja

Zé Oliveira: Oxente, o gerente?

Ouvinte: Se trancou com ela lá no negócio lá, no provador que chama, né, Zé? Meu cumpadi, foi mais de duas hora de relógio, Zé! Eu já tava aperriado. As menina “Quer um confeitinho, seu menino?” Quer um café?” Quer um biscoito?” Quero não, minha fia, quero a minha mulé. Que demora da bexiga é essa pra provar o vestido? É não, é porque aquele vestido demora mesmo, rapaz, tem que ver o tamanho direitinho, né? Tem que olhar... E tava lá dentro trancada com o gerente esse tempo todinho? “É assim mesmo”

Zé Oliveira: Duas horas, rapaz?

Ouvinte: “Tem gente que demora mais tempo...” Aí eu fiquei mais tranquilo, né, Zé? Duas horas, zé, de relógio, pra provar o vestido.

Zé Oliveira: Ainda bem que você tomou muito cafezinho

Ouvinte: Mas também quando saiu, Zé, se tu ver ficou tão lindo, Zé, o vestido nela...

Zé Oliveira: Eu acredito, eu acredito...

Ouvinte: Eu só não mando, Zé, a foto pra tu, ela vestida no vestido, porque você é sem vergoinho,

Zé Oliveira: O que é isso, rapaz?

Ouvinte: Você é semvergoinho, senão eu mandava, Zé... Mas depois eu mando, mesmo assim, que você é um cabra bom, viu?

Efeito sonoro: Aí tem pressão...

Zé Oliveira: Valeu, rapaz

Ouvinte: Ficou tão linda, Zé, ela...

8:26 – Zé Oliveira: Demora da bexiga, ave maria, pra-pra-pra provar um vestido, abraço aí pro meu amigo Fabrício *incompreensível* com o telefone nove nove vinte e oito três três três, ao lado do CDL,

Efeito sonoro: Bora, bora, bora, ligeiro!

E panificadora JLW, doce, salgado, além daquele pão fresquinho que você ama. Na rua Joaquim Gomes, no bairro Planalto, com o número nove meia catorze meia quatro quatro cinco

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira! Mande um alô para mim que estou aqui na sintonia do seu programa. É Sheila Daniele, da baixa da onça. Forte abraço!

Efeito sonoro com assobio: Malandrinha!

Zé Oliveira: Sheila Daniela, da baixa da onça, abraço aí pra ela!

Efeito sonoro: Bora, bora, bora, ligeiro!

Meu amigo etiqueta motos que compra motos novas, usadas, com garantia, vinte e cinco anos de praça, gente finíssima. Abraço aí no nosso querido etiqueta motos. Bom, vamo falar agora de futebol. Pela trigésima terceira rodada do campeonato brasileiro da Série A:

Santos um, São Paulo um.

Fluminense um Atlético Mineiro um

Grêmio zero Flamengo um

Bahia um Pa-pau-pa-pau-pa-pau-lmeiras um

Cu-cu-cu-cu-cu-cu-Curinthias zero Internacional zero

É-é-é Chapecoense um Ceará zero

Atlético do Paraná um Botafogo zero

É o botafogo do Seu Lopes, lá da casa do-do-do Marcelino Alexandre. Meu Deus do céu, Botafogo, não lembro quando ele ganhou uma partida. O mesmo do Genival, da casa da lotérica São Francisco.

Fortaleza três Ceará zero

E hoje tem Vasco e Goiás, Cruzeiro e Havaí.

E pela Série B, América Mineiro dois, Vitória um. Bragantino Cri-cri-cri-cric-ri-cri-criciúma um, atlético de Goiás, um. Pa-pa-pa-paraná zero.

Efeito sonoro: Paulada

Gua-gua-guarani um, Operário zero. Cu-cu-cu-cu-curitiba um, Oeste, Zero.

CRB dois, Ponte Preta, Zero.

Londrina, Um, Botafogo de São Paulo, um.

São Bento, três, Brasil de Pelotas, zero.

Sport, zero. Vila Nova, zero

Fi-fi-fi-figueirense Zero, Cu-cu-cu-cuiabá também zero.

Efeito Sonoro: “Uêpa!”

E pela vigésima etapa do grande prêmio de fórmula 1 do primei-é-é-é do-é-é do Brasil no Circuito de Intete-Intete-Interlago, primeiro lugar Mark *incompreensível*, segundo lugar Pierre *incompreensível*, terceiro lugar Carlos Santos e Júnior, quarto lugar *incompreensível*, quinto lugar Antonio Giovanizi, sexto lugar Daniel Jiaciado, sétimo lugar Levi Hamilton, oitavo lugar Lanz *incompreensível*,

Efeito sonoro: Criança rindo e dizendo “Eu não entendi nada, não entendi nada!”

nono lugar Sérgio Peres, décimo Lugar Daniel dan-dan-danil, décimo primeiro *incompreensível*, décimo primeiro *incompreensível*, décimo segundo George *incompreensível*, décimo terceiro Ramon *incompreensível*, décimo quarto Alexander *incompreensível*, décimo quinto Nick *incompreensível*, décimo sexto Roberto Cumbinca, décimo sétimo, Sebastião Vertel, décimo oitavo Lan-Lanz *incompreensível*, em décimo novo Charles *incompreensível* e em vigésimo lugar ficou o Valter *incompreensível*.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira. Aqui é Maria Messia da Mata Vermelha, manda aí um alô pra mim.

Zé Oliveira: Essa aí é a minha amiga Messia do sítio Mar Vermelho.

Colega de estúdio: Mata vermelha!

Zé Oliveira: Mata Vermelha! Abraço aí pro meu amigo Bero, lá na borracharia do Bero, ouvindo nosso programa, e quero abraçar o-o-o-o-o doutor Felipe, ele que é clínico geral, ele que cuidou do nosso querido doutor Marcelino Alexandre e doutora Raulene, doutor Felipe, grande clínico geral, gente boa, tá ouvindo nosso programa.

Efeito sonoro: “Maravilhas!”

Bom, tudo isso no patrocínio de cu, de cu, de cuscuz coringa, porque de milho ou de arroz, cuscuz tem que ser coringa.

Também no oferecimento de Valmed, completa linha de produtos descartáveis e permanentes para hospitais, unidades de saúde e clínica geral, que fica ali na rua Dom Jona baba-baba-batingas, número quatrocentos e catorze aqui em Arara-em-Arara, em Arapiraca. E *incompreensível*, com a qualidade que você conhece, continua na frente protegendo sua moto e agora seu carro, com direito a moto, caso reserva e *incompreensível*, na rua Nossa Senhora da Salete, com o telefone é-é-é-é-é três cinco dois dois dez vinte ou então nove nove quatro oito sete sete zero cinco

Ouvinte: Oh, Zé, manda um beijo pra mim por favor, eu moro aqui na Lagoa da Canoa, meu nome é Taíse. Obrigada.

Zé Oliveira: *Manda beijo por som.*

Efeito sonoro de risadas

Zé Oliveira: Um bom-um bom dia pra vocês aí da Lagoa da Canoa. Atenção, aposentado do INSS, servidor público *incompreensível* faça hoje mesmo seu empréstimo no lugar certo. Aqui na rua Fernandes Lima, em frente à Maternidade Nossa Senhora de Fátima, no centro de Arapiraca.

Abraço pro meu amigo Regis Autopeças, no precinho, no precinho. Abraço a minha amiga Dete, lá no bar da Dete que hoje tem aquelas comidas super deli-deli-deliciosas,

Efeito sonoro: “Oh bicha aprumada!”

Efeito sonoro: “É gostoso!”

Abraço pro meu amigo Ted da Ceal, gente finíssima, também ouvindo nosso programa. Muito obrigado e

Efeito sonoro: Criança falando “Tô te ouvindo, garotão!”

Uma boa semana pra todo mundo.

13:21 - Vinheta de encerramento

APÊNDICE B – DECUPAGEM DO QUADRO DO ZÉ OLIVEIRA NO PROGRAMA SHOW DE NOTÍCIAS DO DIA 20/11/2019 – 14m22s

Vinheta de abertura

00:34 Zé Oliveira: Eu me lembrei daquela mulher “Ele num vai não vai, não”

Bom-bom-bom-bom bom dia, Isve Cavalcante, Bom dia a todos vocês que estão virando o fumo nesse momento com o radinho de lado ouvindo o nosso programa, vocês que estão dirigindo também ligado no nosso programa.

Efeito sonoro: Homem cantando “Capital do fumo é Arapiraca!”

Zé Oliveira: É rapaz, o pessoal virando o fumo, mas com o radinho de lado, não esquece de jeito nenhum!

Um abraço aí pro nosso querido diretor de programação, De Assis Lima, tá dormindo? Tá nada, rapaz, tá de radinho ligado ouvindo nosso programa.

E eu quero mandar um abraço ao nosso querido Walcyr, rapaz, o Walcyr um grande amigo meu.

Açaí Mais Expresso Arapiraca, venha tomar o melhor açaí de Arapiraca o Açaí Mais Expresso está localizado na praça primavera ao lado do bandeira Big lanche

Efeito sonoro: Alguém sugando um líquido de um canudo

Então você liga nove meia zero um cinquenta zero zero, entregamos em sua casa! Pois é, é...

Efeito sonoro: Homem falando “Maravilhas!”

É o açaí do Walcyr, sucesso absoluto em Arapiraca.

Efeito sonoro: Criança falando “Bom dia, Zé! Cadê meu alô, Zé?”

Zé Oliveira: Abraço aí pra você que tá ligado no nosso programa.

Também quero mandar um eu quero, eu quero para-para eu quero parabenizar o neto do meu pri-amigo Silvestre que está completando hoje três aninhos. É o Arthur Matheus, lá no bairro Bom Sucesso.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira! Zé Oliveira, alegria de pobre dura pouco, viu? Vou logo lhe dizer, sou River Plate desde pequenininho do sabadão, vamo apostar cem?

Zé Oliveira: É Brasil, Flamengo é Brasil, rapaz! Torcer pro Brasil!

Efeito sonoro: “Miserávi!”

Efeito Sonoro: “Brasil-sil-sil!”

Óia, não, não perca neste domingo no Aqua Park São Roque, é-é-é anive-aniversário d-de um ano de funcionamento. Venha comemorar com a gente com animação com Novinha do Facebook, Shayene Novais e Edson Santos, Farra de Playboys, Cleiton Pereira, Zumba e participação com Andreza Félix. Vai ser um domingo especial no Aqua Park, na é-é-é-é lá é-é São Roque, AL cento e quinze, Girau do Ponciano, Alagoas. Neste domingo, dia vinte e quatro, a partir das nove horas.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira! Aqui é Geraldo da Eletrônica lá que você passou ontem na Rua Tancredo Neves, foi uma honra em colaborar com o Natal Solidário.

Efeito sonoro: Homem falando “Maravilhas!”

Zé Oliveira: Abraço aí no meu amigo Geraldo, lá da, é-é é o Geraldo, Geraldo da banda Doce Vício, né? É nosso fãzaço.

Abraço aí no meu amigo o Marlon da Preço Justo Construções e Preço Justo Madeiro, preço mais justo da cidade, com o telefone três cinco dois um três é-é-é-é-é cinco cinco zero um. Forro de PVC por três e cinquenta o metro, na Avenida José Aníbal de Lima, no Jardim Esperança.

Abraço aí nosso querido Igor Pneus, está na rua São Francisco, número dez cinquentão no centro de Arapiraca e é o melhor lugar para você comprar o seu pneu, na Igor Pneus. O César tá lá, trocando os pneu do carro dele tudinho lá na Igor Pneus. Também... do jeito que tá o preço lá no Igor Pneu, baratinho, baratinho!

Ouvinte: Bom dia, Zé! Bom dia todos os ouvintes do Show de Notícias, aqui quem voz fala é Ailton Izidoro, da cidade de Girau do Ponciano, e eu gostaria, Zé,

Efeito sonoro: Homem falando “Aquele que tem cara de ladrão?”

que você recordasse as raízes, né? Aquelas músicas lindas que marcaram época. Quando você finalizar aí sua participação, cante aí, por favor, Zito Borborema, Ilha de Marajó. “Exibi um telegrama do meu velho pai, me pedindo pra voltar...”. Pense que música bonita...

Zé Oliveira: Eu tenho aí, eu tenho ela aí, do Zito Borborema... Já, já, quando eu terminar aqui vou mandar o meu...

Efeito sonoro: “Vai não!”

Zé Oliveira: Eita, aí pronto!

Abraço pro pessoal do Atacadão do Gesso, placa de dois e quarenta, gesso de catorze, cola de cinco, bucha de seis e bloco de seis e cinquenta!

Abraço aí no meu amigo gaúcho, do mercadinho do gaúcho, nosso querido Marco *incompreensível* que fica na Rua Nossa Senhora da Salete, o meu amigo Moacyr, na Autopeças, ali na praça dos Curis, o seu Edmilson na Arcanjo Madeiro, eu quero lembrar o meu amigo Edmilson que mande o novo texto lá da Arcanjo Madeira, abraço aí pro pessoal do Laticínio Rodrigo.

Ouvinte: Bom dia, Zé, manda um alô aqui pra Mata Vermelha, município de Campo Grande.

Zé Oliveira: Abraço aí pro pessoal da Mata Vermelha, município de Campo Grande, ouvindo nosso programa.

Efeito sonoro: Homem falando “Maravilhas!”

Abraço aí meu amigo Genildo da Chave Codificada e a sua esposa Dona Amapario, e nosso querido Gilson Baterias e Peças, na Rua Duque de Caxias, com o número nove oito trinta e nove sete sete dois

Colega de estúdio: Quem tá ouvindo é o Sargento Rijo.

Abraço aí no nosso querido sargento Rijo ouvindo nosso programa.

Efeito sonoro “Iha!”

Zé Oliveira: Ave maria, Sargento Rijo, ave maria! Ele é gente finíssima, mas oia, num mexa não!

Efeito sonoro: Arma calibrando e atirando.

Efeito sonoro: Homem falando “Aí tem pressão!”

Zé Oliveira: Pressão é quente!

Abraço pro meu amigo Luiz Bijouterias ali na praça lu-lu-luiz pereira lima que lá já estava em black frai, e você pode comprar em dez vezes no cartão. Aqui em Arapiraca. Com o telefone três cinco dois dois vinte e cinco quatro dois. Monte o seu negócio e vá lá no Luiz Bijouteira, é-é-é, peça para montagem de bijouteria, fica lá no primeiro andar.

Abraço aí no meu amigo Geraldo Forro, a arte aí de fazer forro, na Expedicionário Brasileiro, com o número nove nove trinta e um meia meia trinta

Ouvinte: Bom dia, Zé! Aqui é a Natália de Nossa Senhora Aparecida, manda um abraço pra minha sogra Nalva, que mora aí no bosque.

Zé Oliveira: Abraço aí a Dona Nalva, que mora aí no-no-no-no Bosque, abraço aí pra ela que ouve nosso programa.

Colega de estúdio: Tenente Valdenio.

Zé Oliveira: Abraço aí pro tenente Valdenio também, ouvindo nosso programa.

Efeito sonoro: Homem falando “Ele parece que é namoradorzinho, né?”

Zé Oliveira: Ele dá uns pulinho! De vez em quando hein, tenente? Cuidado não, viu?

Oia, se for pra gelar não esqueça não, o lugar certo é gelo *Ca-incompreensível*. Assistência técnica e-e-em-em ar-condicionado, automotivo, fumê, higienização automotiva e carroceria

Efeito sonoro: Homem falando “Bora, bora, bora, ligeiro!”

Com o número nove oito vinte e cinco zero quatro quatro nove. Abraço aí pro meu amigo Ceará, meu amigo Marcão e minha amiga Carol lá no Bradesco. A nossa querida Adjane lá no Banco do Brasil -e-e-e-e-e-e eu também quero mandar um abraço pro meu primo e amigo Denilso e meu amigo João lá no Detran.

Ouvinte: Bom dia, bom dia, Zé! Zé, aqui é o Castanha. Oia, a bica do Pau D'arco tá funcionando de segunda a sábado,

Efeito sonoro: Homem falando com voz amedrontadora "Hora do jabá!"

e aos domingos música ao vivo. Você é o nosso convidado, venha conhecer a melhor bica!

Zé Oliveira: Castanha ouvindo nosso programa!

Oo-oia, eu quero mandar também um abraço pro meu amigo Orlando, que tá na promoção de cerveja do da do Bar da Sinuca, no bairro Brasília, na Rua Bela Vista, cerveja um litro de cinco

Efeito sonoro: Homem imitando voz estereotipada de um sujeito homossexual falando "Só bebo cerveja!"

Efeito sonoro: "Iha!"

O único bar que funciona vinte e quatros da cidade.

Efeito sonoro: Homem falando "Maravilhas!"

Abraço aí pro meu amigo Tércio lá na Aranet Telecom, quer ficar conectado, ligue nove meia zero cinco meia quatro catorze e-le-le-ele abraço aí pro meu amigo Júlio lá na Mastermidia, tecnologia você encontra aqui, também tá tudo na Black Friday.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira, Bom dia pra todos da 96! Zé Oliveira, aqui é a prima da Márcia,

Efeito sonoro: Assobio

Vera, bom dia, que Deus abençoe todos da 96.

Zé Oliveira: Abraço aí a mi-mi-minha amiga Márcia, do Pedrão, gente boa, pessoa muito querida em Arapiraca.

Ouvinte: Você gagueja demais, homi! Sinceramente, homi! Manda um alô pra mim aqui no assentamento Padre Cícero.

Zé Oliveira: Abraço aí pro pessoal do assentamento Padre Cícero, ouvindo nosso programa.

E o seu celular quebrou, tá com problema? Então você vá na Central do aiai do aiai do Iphone, a Central do iphone resolve todos os seus problemas ali na rua domingos correia, um nove meia.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira! Oh, Zé Oliveira, mande um alô aí pro meu cunhado Antonio das Cabra, lá no povoado Oiteiro Alto, de Olho D'agua! Muito obrigado!

Efeito sonoro: Cabras berrando.

8:01 – Zé Oliveira: Eita, abraço aí o seu Antônio das cabra, ouvindo nosso programa.

Efeito sonoro: Homem falando “Ele parece que é namoradorzinho, né?”

Bruno Henrique, na *incompreensível*, com o número nove nove oito um catorze trinta e cinco.

Efeito sonoro: Homem falando “Bora, bora, bora, ligeiro!”

E também o meu amigo Anselmo, lá no povoado Piranhas.

Efeito sonoro: Homem falando “Oh, mundiça da peste”

Mandar também para-para meu amigo

Efeito sonoro: homem falando desesperadamente “Acaba, pelo amor de Deus, acaba!”

A Dona Quitéria no cachorro-quente, Dona Quitéria muito obrigado pela audiência.

Vamo falar agora do Flamengo?

Cem mil torcedores do Flamengo nas ruas. *Incompreensível* aglomeração de flamenguistas no caminho do ônibus até o aeroporto e preocupa as autoridades lá do Rio. Pois é, há dias, é-é, há dias, torcedores do Flamengo vem com-com-com-com vem com-com

Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”

Vem convocando pelas redes sociais os mais a-pa-pa a-pa-pa a-pa-

Efeito sonoro: Homem falando “Vixe, maria!”

Apaixonados pelo clube para fazer uma festa inesquecível hoje. É a Cuma-Cuma-Cuma-com-com-acompanhando até o

Efeito sonoro: Homem falando “Vixe, maria!”

Até o aero-ro-aero-ro-aero-ro aeroporto do

Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”

Galeão, no Rio. A delegação que vai viajar para Lima, é-é-é local da final da li-li da li-li da li-libertadores contra o River Plater, no sábado, dia vinte e três. Os mais otimistas acreditam que, pelo menos, cem mil pessoas vão se de-, vão se de, vão se despedir da-da-da-da equipe em-em-em pontos distintos da cidade. A primeira aglu-glu-glu aglu-glu-glu a-glu-glu agluagluagluagluaglu

Efeito sonoro: Homem imitando um peru e fazendo “glugluglu!”

Aglome-me-me-me Aglomeração

Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”

É-é-é-é-é se iniciará

Efeito sonoro: Sons de corvos

Em torno do-do-do-do Centro de Treinamento do Ninho do Urubu. Então, tá aí. Cem mil que vão aco-aco-acompanhar o Flamengo até o ao-ao-aeroporto.

Esqueci de ler aqui esse convite aqui, ó, não perca neste sábado, dia vinte e três de novembro, festa de Santa Luzia, no povoado Campo Alegre, Jaramataia. Na casa do José Melo, com novena, Leilão, e-e-e Sandro Olívio e-e-e-e Banda.

Efeito sonoro: Sons de corvos

A fa-fa-família Poga agradece a presença de todos. Abraço aí meu amigo Fabricio, Cell, *incompreensível*, com o telefone nove nove vinte e um oito três três três, ao lado do CDL.

E a minha amiga Tânia e o meu amigo Zezinho da padaria JLW. Também quero mandar um abraço pro meu amigo Etiqueta Motos, que ele compra motos com garantia e o nosso querido Jênio lá no feirão de carro e moto funcionando de segunda a sexta-feira, com o apoio do nosso querido vice-governador, Luciano Barbosa.

Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira, aqui é o Marcelo Alves. Ei, manda um alô aqui pra galera do Canaã, viu? Que sempre está curtindo o seu programa aí na 96.

Efeito sonoro: “Maravilhas!”

Zé Oliveira: Abraço aí o pessoal do Canaã que está sempre ouvindo nosso programa e abraço aí no nosso querido Heraldo Pompeu. Heraldo Pompeu foi pro bar da Dete, na hora de pagar a conta também, o homem agarrou no sono e ca-ca-cadê o Heraldo? Mas só dormia, só dormia, e o povo “Acorda, Heraldo, acorda, é hora de pagar a conta!”. Abraço aí no meu amigo Alex la-la-la-lá na Super Tech popular, lá no Shopping Popular, em frente ao Estacionamento do Zé Negão.

Bom, e na onda de futebol amador, *incompreensível*, vai jogar às oito horas no campo do Vaninho, o me-me-me-me-meu Silvério.

Bom, tudo isso no patrocínio de cu, de cu, de cuscuz Coringa, porque de milho ou de arroz, cuscuz tem que ser coringa. Também no oferecimento de Valmed, completa linha de produtos descartáveis e permanente para hospitais, unidades de saúde e clínica geral, que fica ali na rua Dom Jonas ba-ba-ba-ba-batingas, número quatrocentos e catorze aqui em ara-ra, em ara-ra, em Arapiraca. E *incompreensível*, com a qualidade que você conhece, continua na frente protegendo sua moto e agora seu carro, com direito a moto, carro reserva e *incompreensível* e monitoramento, na rua Nossa Senhora da Salete, com o telefone é-é-é-é-é três cinco dois dois dez vinte ou então nove nove quatro oito sete sete zero cinco.

Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes

Fique quietinho! (em resposta ao efeito sonoro)

E atenção, aposentado do INSS, servidor público *incompreensível* faça hoje mesmo seu empréstimo no lugar certo. Aqui na rua Fernandes Lima, em frente à Maternidade Nossa Senhora de Fátima, no centro de Arapiraca.

Abraço aí no meu amigo Régis Autopeças. Muito obrigado, um bom dia pra todo mundo e...

Ouvinte: Oh, Zé! Bora roubar um banco ali?

Zé Oliveira: Eita, conversa da bexiga!

Ouvinte: Eu fico com uma parte minha, a outra parte é pra você

Efeito sonoro de moedas

Zé Oliveira: Pelo amor de Deus, aí, aí, aí, você foi longe demais!

Vinheta de encerramento

Esqueci de mandar um abraço pro nosso querido Zé Coringa, rapaz, lá na rua Santa Luzia, ouvindo nosso programa ali nos Caititus. Muito obrigado e até amanhã! Amanhã estaremos aqui nesse mesmo horário, se Deus quiser e ele quer!

13:25 - Zé começa a cantar a música solicitada pelo ouvinte

APÊNDICE C – DECUPAGEM DO QUADRO DO ZÉ OLIVEIRA NO PROGRAMA SHOW DE NOTÍCIAS DO DIA 21/11/2019 – 16m17s

Vinheta de abertura

0:28 - Zé Oliveira: Bom-bom-bom é bom-bom dia, Isve Cavalcante! Bom dia a todos que fazem o Show de Notícias, eu quero começar com-é-é-convidando ói, não perca neste sábado, dia vinte e três de novembro, festa de é Festa de Santa Luzia no povoado Campo Alegre, em Jaramataia, na casa do José Melo, com a Novena Leilão e Sandro Olivia. Família Polca agradece a presença de todos o nosso querido José Amaro.

Abraço aí o nosso querido Luiz bijuteria, tudo lá tá em Black Friday, ali na Rua, na Praça Luiz Pereira Lima, duzentos e trinta e sete, no Centro de Arapiraca. O telefone três cinco dois dois vinte e cinco quatro dois, você vai lá no primeiro andar, aí você faz o seu negócio lá no Luiz Bijuteria.

Ouvinte: Oi, Zé Oliveira, bom dia! Eu gostaria que você parabenizasse a Emily, que ela está completando ano hoje, sua amiguinha!

Zé Oliveira: Pois é, a minha amiguinha Emily, rapaz! Parabéns aí pra ela lá na Brisa do Lago.

Efeito sonoro: Homens cantando parabéns pra você de forma desafinada

Zé Oliveira: Pois é, parabéns a nossa amiguinha Emily lá na Brisa do Lado. Que Deus dê a ela muitos anos de vida, saúde, paz, felicidade. A Emily é uma pessoa muito inteligente, que Deus abençoe a nossa vida, Emily, que está aniversariando hoje!

Efeito sonoro: Criança falando “Tô te ouvindo, garotão!”

Abraço aí pro meu amigo Gilson Baterias e Peças, na Rua D-d-duque de Caxias com o número nove um oito nove sete sete dois. Nosso querido Genildo da Chave Codificada e sua esposa Dona Ampario, ouvindo nosso programa, e meu amigo Rodrigo lá-lá-lá na Laticínio Rodrigues, na-na Avenida José *incompreensível* de Lima, e o meu amigo *incompreensível*

Ouvinte: Oh, Zé! Tu é o papai noel da noventa e seis, é?

Efeito sonoro: “Ho ho ho!”

Zé Oliveira: Sou não, sou não! Mas quem sabe, né? É o Heraldo Pompeu, o Heraldo Pompeu, ele tá até ouvindo a gente. Abraço no nosso querido Heraldo Pompeu.

Ouvinte: Tô com uma crise de barriga da mulestia, Acho que perdi uns dois quilo ou três já.

Efeito sonoro: Risadas

Efeito sonoro: Som de pum

Zé Oliveira: Agora eu nunca vi tanta desinteria como esse rapaz, ave maria! O homi só vive com desinteria, é aquele problema, arrume uma mulher pra você casar, pra você sair desse sufoco. Você arrumando uma mulher, você arrumando, você arrumando uma mulher a sua vida se transforma.

Efeito sonoro: Homem falando “Só se for com uma doida, aquilo não tem condição nem de se sustentar, quanto mais de sustentar uma mulher!”

Zé Oliveira: Tem, rapaz, tem! Rapaz, é empregado, é um bom técnico, um dos melhores técnicos aqui de Alagoas.

Efeito sonoro: Homem falando “Será?”

Tem sim, rapaz! E é gente boa...

Abraço aí pro meu amigo *incompreensível* da Autopeças lá na Praça dos Curis, abraço aí pro meu amigo Era-eraldo na oficina do meu amigo Autopeças, nosso querido Marco *incompreensível* lá na rua Nossa Senhora da Salete, e o meu amigo gaúcho lá no Mercadinho do Gaúcho. Quero mandar um abraçar pro meu amigo Geraldo Forro, a arte de fazer forro, na Rua Expedicionários Brasileiro com o número nove nove trinta e um meia meia trinta

Quero mandar um abraço pro meu amigo é-é meu amigo Ceará, lá no Bradesco, meu amigo Marcão e minha amiga Adjane, lá no Banco do Brasil, também ouvindo nosso programa. Óia, lembrando que se for pra gelar, o lugar certo é GeloCar, assistência técnica em ar-condicionado automotivo, fumê e higienização, automotivo e carroceria. Com o número nove oito vinte e cinco zero quatro quatro nove. Um abraço aí pro meu amigo Fabricio Cell, assistência técnica com o número nove nove vinte e um oito três três, ao lado do CDL.

Também abraço aí pro pessoal da panificadora JLW, temos doces, salgadinhos, além daquele pão fresquinho que você ama. Na Rua Joaquim Gomes, abraço aí pra minha amiga Antonia, meu amigo Zezinho. O telefone é nove meia catorze meia quatro quatro cinco.

Ouvinte: Bom dia, noventa e seis! Manda um alô aqui pro *incompreensível* em Traipu. É um feriado longo que vamos pegar

Zé Oliveira: Abraço aí pro pessoal lá em Traipu ouvindo nosso programa. E o seu Denir, o seu Denir, né?

Colega de estúdio: É verdade, Zé! Parabéns, né? Abraçando o Denir, inclusive é meu padrinho, mandar um abraço especial, ele mora na Vila Capim e tá de idade nova hoje. Felicidades. Tudo de bom e saúde, né? E primeiramente saúde, que é o que a gente precisa. Tudo de bom pra o senhor.

Zé Oliveira: Abraço aí pro nosso querido Seu Denir lá no sítio Capim, que recebe os parabéns de toda a sua família ele disse que...

Efeito sonoro: Homem falando "Aí tem pressão!"

Zé Oliveira: Tem não, tem não! Ele disse que vai ter buchada, vai ter sarapatel.

Colega de estúdio: Ele não pode!

Zé Oliveira: Mas ele disse que era-era pra os convi, os convidados.

Efeito sonoro: Galo cacarejando

Colega de estúdio: Também, lá eles criam muito, né?

Zé Oliveira: Vai ter galão também!

Colega de estúdio: A minha madrinha, Dona Zezé, Sandra, todo mundo...

Zé Oliveira: Pois é, abraço aí no seu Denir, Seu Denir, que Deus lhe dê muitos anos de paz, saúde e felicidade, viu? Nosso querido Seu Denir lá no sítio Capim.

Olhe, não perca neste domingo lá no Aqua Park, é-é-, São Roque, aniversário do primeiro ano de funcionamento. Venha comemorar com a gente com é-é-é-é animação com a novi-novina do Facebook, Jânio Novais, Edson Santos, Farra do Playboy, Cleiton Pereira, Zumba e participação Andreza Felix. Vai ser domingo

especial no Aqua Park em São Roque na AL cen-cento e quinze, Girau do Ponciano, neste domingo, dia vinte e quatro, a partir das nove horas.

Trecho da música “Jogo do Bicho”, de Alípio Martins

Ouvinte: Oia, quem quiser jogar cachorro, jogue cachorro que dá cachorro, viu?

Efeito sonoro: Cachorro latindo

Zé Oliveira: Vou jogar cachorro? Jogar n-no-no-no cachorro, num joga cachorro.

Colega de estúdio: Eu ganhei, joguei no veado e ganhei.

Efeito sonoro: Homem falando “Ai, pai, para!” com voz estereotipada

Zé Oliveira: A Fabiana jogou no viado e ganhou, oia.

Colega de estúdio: Lá em Penedo, lá na cidade de Penedo.

Zé Oliveira: Abraço aí pra o nenê e o nego, que tão trabalhando na casa da nossa querida Laís Pita.

Efeito sonoro: Homem falando com voz amedrontadora “Hora do jabá!”

Zé Oliveira: Eles tão com uma moleza danada, mas vocês cuide em trabalhar, que a Laís tá louca que termine o serviço. Senão, oia, ela já tá meia lisa, e se vocês demoraram muito...

Efeito sonoro: Homem falando “Oh, mundiça da peste”

Zé Oliveira: Não, mundiça, não, rapaz! É os trabalhador de lá, gente boa.

Óia, quero lembrar preço justo construção e preço justo madeira, o preço mais justo da cidade, com o telefone três cinco dois um vinte e cinco zero um. Forro de PVC, três e cinquenta o metro, na Avenida José Ami *incompreensível* de Lima, no Jardim Esperança.

E óia, abraço aí pro meu amigo Igor Pneu que está na Rua São Francisco, número dez cinquenta e um, no centro de Arapiraca, que é o melhor lugar para você comprar o seu pneu.

O meu amigo Cesar, esposo da Fabiana, foi lá e botou os quatro pneu.

Efeito sonoro: Homem falando “será?”

Zé Oliveira: Foi sim, foi, deuma geral lá e tá com o carro zeradinho, zeradinho.

Abraço pro pessoal do Atacadão do Gesso, placa de dois e quarenta, gesso de catorze, cola de cinco, bucha de seis e bloco de seis e cinquenta. Abraço pro nosso querido...

7:40 - Ouvinte: Bom dia, Zé Oliveira! Mande um alô pra o Preto Fruta que é seu fã, trabalha em frente ao quinze de novembro, ele, viu!

Zé Oliveira: Abraço aí pro meu amigo Preto Fruta, em frente ao quinze!

Efeito sonoro: Homem falando “Ai, pai, para!” com voz estereotipada

Abraço pro meu amigo Etiqueta Motos, motos usadas, novas e com garantia, vinte e cinco anos de praça e uma pessoa maravilhosa. E meu amigo Tércio, lá na Aranet Telecom, quer ficar conectado? Ligue nove meia zero cinco meia quatro catorze.

E o meu amigo Jênio lá no feirão de carro e moto, que funciona de segunda a sexta-feira, com o apoio do nosso querido deputado Ricardo Nezinho e vice-governador Luciano Barbosa.

Ouvinte: Oh, Zé, a Graciane tá chamando aqui pra você vir pra Taquarana pra comer um pedacinho de bolo.

Zé Oliveira: Eita, rapaz, eu vou lá mesmo.

Ouvinte: Vai vir, Zé? Vem, Zé, comer um pedacinho de bolo de aniversário. Tá gostoso, Zé, cê nem sabe...

Efeito sonoro: Homem falando “Tá gostoso!”

Zé Oliveira: Parabéns aí pra vocês aí, viu? Quem sabe eu chego aí e como um pedacinho de bolo mesmo. Um pedacinho de bolo com café é bom demais.

Efeito sonoro: Homem falando “Maravilhas!”

Abraço aí no meu amigo Alex na Super Tech popular, lá no Shopping Popular, em frente ao Estacionamento do Zé Negão. Seu celular tá quebrado, leve no Alex que ele conserta.

E-e-e-e óia, quero mandar um abraço para o pessoal da MasterMidia, meu amigo Júnior, tecnologia você encontra aqui. Black Friday já começou na MasterMidia informática, oferta exclusiva você encontra em um só lugar, lá na MasterMidia é-é MasterMidia informática está localizada na Rua Expedicionário Brasileiro, vizinho ao antigo posto do loirinho.

Também quero mandar um abraço para o, para o, meu amigo, pessoal da Central do Iphone, seu celular quebrou, molhou, ou tá com problema, leve lá na Central do Iphone, na rua domingos correia, com o número nove nove oito cinco quatro quatro quatro quatro.

E o meu amigo Bruno Henrique *incompreensível* com o número nove nove oito um catorze trinta e cinco. Abraço pro nosso querido pessoal da Top dez lá no Bairro Cavaco, tudo é dez, calça, camisa, sutiã e calcinha e tudo mais.

Efeito sonoro: Bora, bora, bora, ligeiro!

Quero abraçar, oia, a Dona Quitéria, lá na tradicional cachorro-quente, pão, pão, de é-é-é-é-é cachorro-quente de pão francês com quitute, lá no bosque das Arapiraca. E promo, abraço pro meu amigo Orlando lá no promoção de cerveja só no Bar da Sinuca, no bairro Brasília, rua Bela Vista, cerveja de cinco reais o litro. O único bar que funciona vinte e quatro horas.

Bom, vamo falar agora de fu-fu de fu-fu de futebol.

Sport vira sobre a Ponte e confirma acesso à Série A do Brasileiro. Pois é, o Sport tá de volta ali do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu, do fufu...

Efeito sonoro: Homem falando "Diga!"

Efeito sonoro: Criança falando "otário"

Do futebol brasileiro! O Leão recebeu a Ponta Preta da Ilha do Retiro, na Ilha do Retiro nesta quarta-feira e ve-ve e ve-ve e ve-ve e ve-ve e venceu por dois a um de virada. E na trigésima sétima e penúltima ro-ro ro-ro ro-ro roooooada da Série B do campeonato Brasileiro. O re-re, o re-re, o resultado garantiu, mateticamente, o acesso da equipe pernambuca a-a-a-a-a série A, o ru-ru-ru-ru-rubro

Efeito sonoro: Pessoas se lamentando

negro não só ficou com uma das quarta, das quatro vaga, como, como também garantiu a vice li-li liderança,

Efeito sonoro: Homem falando “Diga!”

chegando a sessenta e sete pontos de cla-cla de classificação os pe-pe-, os pe-pe, os pe-pe,

Efeito sonoro: Criança falando “otário” repetidas vezes

Os pernambucanos nã-não podem ser

Efeito sonoro: Criança falando “otário”

Au-au-au-au

Efeito sonoro: Cachorro latindo

Fique quieto, bexiguento! (em menção ao efeito)

Efeito sonoro: Pessoa rindo

É-é-é-é os pernambucano não podem mais ser au-au-au alcançado por outras equipes, e só precisarão cumprir tabela na última ro-ro-ro-ro-rodada.

O Sport Clube Recife que está ga, que está ga, que está garantido na Série A. Quero mandar um abraço pro nosso querido, a minha amiga Mirian, ouvindo nosso programa. Mirian, um abraço aí pra é-é-é-é-é-é-é-é a nossa diretora de marketing.

Aí eu quero *incompreensível* do Bairro Bom Sucesso, vai enfrentar o ru-ru, o ru-ru, o ruru *incompreensível* às oito horas, no campo do Vaninho.

Ouvinte: Oh, Zé! A minha mãe mandou um grande beijo pra você, viu, Zé? A mãe Mara ali da Rua Santa Amaro, no bairro Caititus, você passou lá no dia do Natal Solidário, e a Fabiana Farias. Ela tá mandando um grande beijo e abraço pra vocês, bom dia aí, que Deus te abençoe!

Zé Oliveira: Abraço aí a Dona Maura, lá no sítio cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, cai, Caititus.

Efeito sonoro: Criança falando “otário”

Zé Oliveira: É você, triste! (em menção ao efeito)

Tudo isso no patrocínio de cu, de cu, de cuscuz coringa, porque de milho ou de arroz, cuscuz tem que ser coringa.

Ouvinte: Oh, Zé, sabe quem tá te ouvindo? É a Mari lingerie e acessórios, é a noiva do nosso querido André Fontes.

Zé Oliveira: É, rapaz, noiva do André Fontes, vai se casar agora no final do ano.

Tudo isso no oferecimento de Valmed, completa linha de produtos descartáveis e permanentes para hospitais, unidades de saúde e clínica geral, que fica ali na rua Dom Jona baba-baba-batingas, número quatrocentos e catorze aqui em Arara, em Arara, em Arapiraca.

Efeito sonoro: Sons de corvos

Abraço aí na Márcia do açougue, que é nossa, é no-no-no, é nossa fã de carteirinha. Márcia do açougue bota o fonezinho de ouvido e fica ligada no nosso programa.

Efeito sonoro: “Oh bicha aprumada!”

E *incompreensível*, com a qualidade que você conhece, continua na frente protegendo sua moto e agora seu carro, com direito a moto, caso reserva e *incompreensível* e monitoramento, na rua Nossa Senhora da Salete, com o telefone três cinco dois dois dez vinte ou então nove nove quatro oito sete sete zero cinco.

Ouvinte: Oh, Zé! Manda o manguinha colocar aquela vinheta do Heraldo Pompeu.

Efeito sonoro: voz de uma mulher falando “Num vai não, ele não vai, não!”

Zé Oliveira: Heraldo Pompeu é gente boa!

Colega de estúdio: Qual é a vinheta?

Zé Oliveira: Rapaz, num sei não, num sei não...

Efeito sonoro: Mulher falando “Aí ele disse que é gay, botou na cabeça que é gay, porque é gay”

Zé Oliveira: Ói, o Heraldo num é gay em canto nenhum. Heraldo tá louco pra arrumar uma mulher, Heraldo quer casar e quer viver direitinho. É trabalhador, inte-inteligente e um homem de bem. Atenção, aposentado do INSS, servidor público *incompreensível* faça hoje mesmo seu empréstimo no lugar certo. Aqui na rua Fernandes Lima, em frente à Maternidade Nossa Senhora de Fátima, no centro de Arapiraca.

Abraço no meu amigo Régis Autopeças, pensou em peças, é no Régis Autopeças.

E abraço no nosso queridíssimo César Shalon, que aos domingos tem um programaço de uma às três da tarde. César Shalon, um abraço pra você.

Muito obrigado e até amanhã.

Vinheta de encerramento

Colega de estúdio: Ele num ouviu não, mande de novo o alô que ele não ouviu, não.

Zé Oliveira: Abraço aí pro nosso querido César Shalon.

Efeito sonoro: Mulher falando como no antivírus de computador “Uma bicha foi detectada”

Zé Oliveira: Oxe, que isso, rapaz, foi não!

Zé Oliveira canta “Caneta azul, azul caneta”

16:09 - Efeito sonoro: homem falando desesperadamente “Acaba, pelo amor de Deus, acaba!”